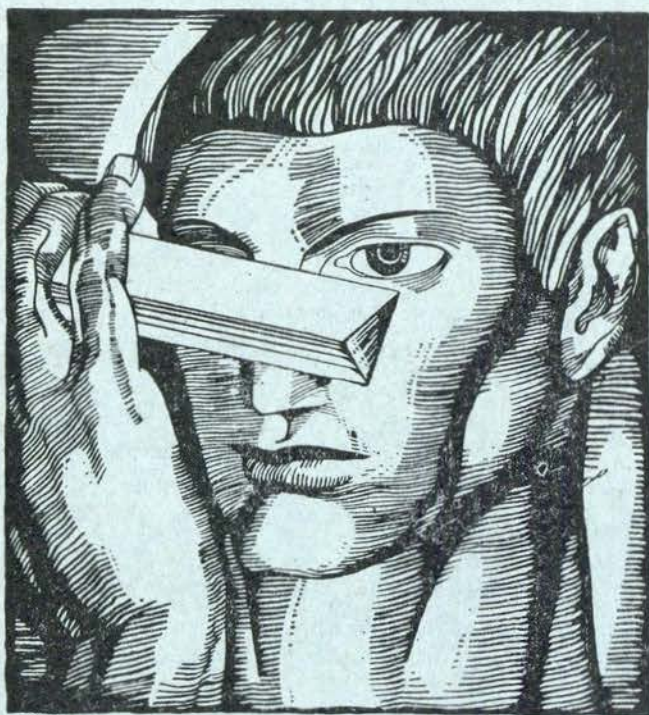


ESTADO LEONAR

1.º - AGO. 1940

# PRISMA



AUGUSTO GOMES



## REVISTA DE FILOSOFIA CIÊNCIA E ARTE

DIRECTOR:  
AARÃO DE LACERDA

### SUMÁRIO:

IN MEMORIAM - CARLOS RAMOS  
 AMIGOS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS  
 - DR. CARLOS MANUEL RAMOS  
 MARINHA...  
 CARLOS RAMOS  
 O DR. CARLOS RAMOS  
 CARLOS RAMOS  
 CARLOS RAMOS  
 ENCANTAMENTO (Versos)  
 O ROMANCE HERÓICO DE SCHUMANN  
 JOÃO SEBASTIÃO BACH  
 CARLOS RAMOS  
 O CAMINHO DO PENSAMENTO  
 JOÃO PAULO RICHTER  
 AO DR. CARLOS MANUEL RAMOS  
 FREI AGOSTINHO DA CRUZ  
 AFIFE ou A BELEZA QUE NÃO MORRE (Canções)  
 POR TERRAS DE VIEIRA  
 NOTAS PARA O ESTUDO DA FLORA FÓSSIL  
 DO CARBÓNICO ALENTEJANO

AARÃO DE LACERDA  
 NUNO ARCHER  
 CARLOS MANUEL RAMOS  
 ANTÓNIO DE CASTRO HENRIQUES  
 PINHEIRO TÔRRES  
 JOAQUIM FREITAS GONÇALVES  
 JOAQUIM COSTA  
 ALBERTO DE SERPA  
 CARLOS MANUEL RAMOS  
 VIEIRA DE ALMEIDA  
 MARIA HENRIQUES OSSWALD  
 CARLOS MANUEL RAMOS  
 LUIZ MOREIRA DE SÁ E COSTA  
 AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA  
 PEDRO HOMEM DE MELO  
 CARLOS TEIXEIRA

CAPA de AUGUSTO GOMES

GRAVURAS de MARQUES ABREU

# PRISMA

REVISTA DE FILOSOFIA, CIÊNCIA E ARTE

DIRECTOR:

AARÃO DE LACERDA

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Praça da República, 197—PÔRTO

EDITOR:

ALEXANDRE COELHO

DEPOSITÁRIO: DOMINGOS BARREIRA

LIVRARIA SIMÕES LOPES—Rua do Almada, 123—PÔRTO

Composta e impressa na IMPRENSA MODERNA, LIMITADA—Rua da Fábrica, 80—PÔRTO

Esta revista será enviada aos senhores assinantes contra reembôlso, ao preço de cinco escudos.

---

---

# PRISMA

---

---

A revista «PRISMA» publica mais um número: ela manter-se-á, mas arrostando com enormes dificuldades, as de sempre e as próprias de um meio sáfaro onde sossobram tôdas as iniciativas literárias congéneres. Esta revista deve a sua continuidade a um público restrito, a um núcleo de amigos que desde o início lhe dedicou a simpatia do seu espírito, merecendo destacar-se a cooperação tão nobremente desinteressada de Marques Abreu e de Alexandre Coelho, gerente da Imprensa Moderna, em cujas oficinas o «PRISMA» se imprime.

## IN MEMORIAM

### CARLOS RAMOS

*Imóvel no esplendor etéreo, o Arcanjo augusto  
espera. Mas que auréola triunfal o circunda?  
Que infinita beatitude flutua! Oh! sim! sim!  
a um olhar que vem de para lá das estrélas  
as energias sediciosas do desespero tombam...  
emquanto, larga, de entre solenes acordes que  
se esclarecem, a melodia ascende para as re-  
giões tranqüilas, extasiada na plenitude paira,  
e morre no seio da Luz.*

Carlos Manuel Ramos — A mais bela  
aventura de António Feijó.

**A** revista *Prisma* comemora neste número um grande Artista: Carlos Manuel de Oliveira Ramos. Falecido em 16 de Fevereiro último, em pleno martírio, que êle sofreu como herói, afrontando a morte iluminado por uma crença de transcendente espiritualidade, Carlos Manuel deixou uma Obra valiosa: conferências, artigos, produções dispersas do mais perfeito labor literário, e o manuscrito de um livro em comêço, onde êle punha tôda a sua sensibilidade e erudição profunda para nos recordar um poeta místico, o penitente Poeta Frei Agostinho da Cruz, que se isolou na Arrábida para melhor sentir a presença de Deus. Obra de valor que se perderia se a não salvassem os íntimos, incansáveis, após a sua morte, na rebusca dos escritos por êle publicados ou ainda inéditos, preparando Castro Henriques, um dos seus companheiros mais queridos, a edição dessas páginas que hão-de ser um inspirado breviário de beleza.

Conheci Carlos Manuel desde o início da sua vida literária, ainda estudante do Liceu, e como trazia consigo o apelido de uma família amiga e ilustre, olhava-o com a certeza de que êle seria, como os outros do seu sangue, mais um belo espírito. E esperei confiado... Tenho a impressão que foi pela Música que Carlos Ramos recebeu do Alto a sua investidura de Poeta. De-certo foi pela Música... E comecei a vê-lo insistente, devoto a freqüentar os concertos espirituais da Casa Melo Abreu, que ainda está de pé entre os prédios condenados a desaparecer em breve do centro da cidade que se renova. Ali o via, ali nos saüdávamos... irmãos de Santa Cecília, levados pelo mesmo culto mantido pelo apostolado de Moreira de Sá que,

com alguns executantes de escol, realizava os seus concertos de música de câmara para... raros apenas, os bastantes que animassem a confraria dos apaixonados fiéis. A convivência com aquêlê illustre violinista e eminente musicógrafo e sua família, tôda de artistas, as suas relações com os discípulos e pessoas do convívio do lar incomparável de Moreira de Sá e os serões artísticos em casa de João Diogo deram a Carlos Manuel o ambiente necessário à sua vida de *eleito*, acentuando, desenvolvendo a decidida vocação



«Um Lied de Schumann»

Fantin-Latour.

do escritor, filho de um jornalista, o Pai Ramos — que no *Primeiro de Janeiro* deixou nome venerado — irmão de João Ramos — grande professor a quem o sábio Gomes Teixeira confiara a regência de uma das cadeiras de Matemática na sua Faculdade de Ciências — e de Manuel Ramos, que na Faculdade de Letras de Lisboa ocupou a mais alta hierarquia docente, o lugar de Mestre que tantas e tantas gerações lembram. Carlos Manuel ouvia, ouvia recolhido os maiores génios da Música, aprofundava simultaneamente, com paixão, a sua cultura literária e... começou a escrever.

Dos 17 anos datam essas impressões que publicamos adiante e que intitulamos *Marinha*, quadro luminoso, cromático e movimentado que a sua retina fixou deslumbrada. E no *Primeiro de Janeiro* começaram a aparecer com certa assiduidade umas críticas sem assinatura ou subscritas com a inicial C que surpreenderam tôda a gente: mas o nome logo se tornou adivinhado, conhecido, e não era preciso para timbrar essas palavras cheias de estilo que só podiam ser dêle... Ninguém mais escrevia assim! Verão, verão os que nunca as leram e que as vão ler no seu livro póstumo quanto eu sou justo nesta apreciação que poderia parecer ditada por uma amizade cega,

Em 1914, aos 20 anos, publicava êle no mesmo diário, as suas impressões sôbre uma audição na Casa Melo Abreu, cheia do maior interesse, em que se executou o *Quarteto de Ravel*, impressões que Moreira de Sá elogiou pelo que continham de penetrante e acertada intuição. De-facto, que intuição, mais ainda, que compreensão de excepcional perspectiva estética não revelava essa crítica onde a literatura e a música se entreteciam na trama mais íntima de mútuas acções ou influências!!

Carlos Manuel dominava, então, já de alto, as grandes formas musicais, plásticas e literárias, caldeadas no seu excepcional temperamento mais de artista do que de crítico: de Artista, sim, pois na mais ampla acepção da palavra o era, inspirado, com um entusiasmo religioso pelos mais nobres aspectos da Vida, tocado como foi pela graça de a saber ver, auscultar e aprofundar, atingindo as alturas, os páramos de Deus, de a ouvir naquela melodia oculta, de que falava Carlyle, quando escrevia sôbre o Herói-Poeta, e nos dizia que um pensamento musical é um pensamento articulado por uma inteligência que soube penetrar até ao mais íntimo das cousas e põe a descoberto o mais recôndito dos seus mistérios, a interna harmonia que é a sua alma, pelo que existe e tem razão de ser no mundo. Com o escritor inglês, êle poderia pensar

que tôdas as cousas profundas, dir-se-ia, encerram obscuridade e mistério, são espírito da melodia, naturalmente convertido em canto, o canto que nos leva à presença do Infinito.

Neste caminho de Deus começou êle a entrar pela Arte, e não só por êste... outro se abriria depois, e em breve, de abnegação, de sacrifício por uma idea, a da Pátria que êle via também em ideal de projecção altíssima.

Carlos Manuel escolheu Beethoven, Schubert e Brahms para tema das suas conferências efectuadas na Casa Melo Abreu: outra Música, também, a das suas palavras, verdadeiros prelúdios nessas noites em que Luiz Costa, da ronda dos seus maiores amigos também, interpretava com admirável sentido algumas das maiores criações desta genial trindade de Poetas. E com que modéstia se apresentava Carlos Manuel, nestes serões de recolhida meditação, quando nos falava — e a mim atônito diante daquela alma de vinte-e-dois anos, original, inédita na maneira de dizer — do seu nome desconhecido:

«Perfeitamente sei que não posso trazer para aqui o comentário minudente dum técnico, nem a lúcida exposição de um professor. Sou apenas aquilo a que o nosso Damião de Góis chamou «um músico de vontade»... diletante. Só desejo que as minhas palavras de diletante apaixonado formem uma atmosfera sentimental propícia à visão dos maravilhosos países que Luiz Costa nos vai descobrir.»

E, sem dúvida, Carlos Manuel realizava o seu objectivo: o de criar em todos nós essa *atmosfera sentimental*, êsse halo envolvente das sonoridades que Luiz Costa fazia emergir do piano..... a «plenitude lírica», a «intensidade patética». E assim, seguíamos, como êle dizia, a própria aventura do seu espírito, cumprindo êste juízo que de Anatole me vem à lembrança: «Le bon critique est celui qui raconte les aventures de son âme au milieu des chefs-d'œuvre».

Carlos Ramos é levado pelo torvelinho da guerra, dos acontecimentos políticos cujo rumo singularmente o impressionavam, e o seu espírito dá



«O último tema de Schumann»

Fantin-Latour.

abertamente a adesão a uma falange de novos que não se isolavam em falanstério de letrados mas se agrupavam em frente combativa pelo salvamento e redenção da Pátria. Foi soldado da *Grande Guerra* e lutou por uma idea que o levou ao exílio, à Inglaterra onde trabalhou para viver, tempo que foi para êle uma oportunidade magnífica: a de se entregar aos seus estudos, que se tornaram predilectos, da literatura inglêsa. Contratemos, desgostos, tôda esta batalha pelos princípios mais temperaram a sua alma, já de si bem forte, e enriqueceram a sua sensibilidade de artista que atingia a mais alta expressão no livro *O Romance Heróico de Schumann*, que nasceu da sua colaboração num concêrto dedicado ao compositor do *Carnaval* pelos ilustres pianistas D. Maria Adelaide Freitas Gonçalves e Joaquim Freitas Gonçalves, em Julho de 1922. Carlos Manuel, como

êle conta, pelas cartas de Schumann e com as suas recordações compôs uma *Fábula*, um conto de Tristão e Isolda no cenário burguês de uma cidade alemã:

«Esta é a novela que um homem que não é músico nem é crítico, um homem que simplesmente ama a música e sente na vida música, e na música alegorias da vida, oferece àqueles espíritos indomesticáveis para quem viver é uma aventura de lirismo...»

Esta novela foi descrita por um romântico, que êle próprio confessava ser, pois compreendia ou atingia o romantismo através da meditação e do sentimento das mais nobres criações desta torrente que em Beethoven, verdadeiramente, começou a fluir caudalosa até ao espriar de abissais cogitações,

detendo-se no solilóquio, no pensamento ensimesmado, em concepções sonoras da alegria, da fraternidade dos homens até Deus.

*Seid umschlungen Millionen!*

Carlos Manuel para esta novela, só tinha um ilustrador condigno dos seus nervos, do ritmo febril do seu poema em prosa: Fantin-Latour, tão schumaniano como o próprio Schumann.

Carlos Ramos — outros que o acompanharam mais de perto o dirão melhor do que eu — em certa altura da sua vida passou a ser soberanamente dominado por um altíssimo pensamento: Deus! A Arte não constituía já o «único analgésico», havia uma consolação maior que se lhe deparava, revelado por ela por intermédio de Dante. E aqui eu lembro de novo o Carlyle dos Heróis quando êle considera a *divina Comédia* sobrenatural, mundo das almas, de insondável profundidade... *obra perfeitamente musical.*

A Carlos Manuel eu aplico as próprias palavras que êle escreveu na sua derradeira *criação*: *A mais bela aventura de Antônio Feijó*:

«Em holocausto à Beleza é que o seu coração arde, «lâmpada votiva»! A Beleza que «dá forma às ilusões»! Mas ao reflectir na alegria sobrenatural que transparece das *formas*, descerram-se as cortinas do Templo: ofusca-o o irrecusável fulgor do mistério divino. Deus na Natureza revelado pela Arte.»

Neste deslumbramento místico se envolveu Carlos Manuel nos últimos anos. E que fôrça, que admirável, exemplar coerência religiosa era a sua!!! Assim, com a alma preparada, bem nutrida na crença, alimentada espiritualmente pela Eucaristia, entrou no estudo de outra alma irmã da sua: Frei Agostinho da Cruz.

Semanas antes de morrer, encontramos-nos, perto de sua casa, e não posso esquecer a alegria com que êle me falou do seu livro em preparação sobre o Poeta do *Jesus Crucificado*.

Dir-se-ia um júbilo astral o que vinha do seu olhar penetrante, olhar que tantas vezes me lembrava o do prègador Lacordaire, recordado no magnífico retrato de Chassériau... A ameaça sinistra já pairava bem perto, e êle sabia-o, mas cristãmente aguardou a *irmã Morte*...

Quanto mais com tão cedo ver tão clara  
Aquele luz divina de tão perto,

Depois eu reparei que, nesse instante, Carlos Manuel vivia na sarça ardente de uma grande fé, da sua grande fé!...

E findaram seus dias... Numa apoteose, o povo foi acompanhá-lo à última morada, onde ficariam bem estas palavras de Frei Agostinho da Cruz, gravadas numa cartela de mármore, à maneira de epitáfio:

Aqui debaixo desta pedra dura  
Hum corpo se converte em terra fria  
.....  
.....  
Bem claro se vê nelle a fermosura  
D'alma, que para o Ceo sempre subia,  
.....

AARÃO DE LACERDA.





# AMIGOS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



## DR. CARLOS MANUEL RAMOS

*Aos Companheiros da Consagração Pessoal  
ao S. Coração de Jesus de Carlos M. Ramos*

**U**M bom retrato faz-se com poucos traços.

Os que empregaremos no perfil do Dr. Carlos Manuel Ramos, limitá-los-emos aos que façam dêle o retrato dum grande «Amigo do Sagrado Coração de Jesus».

E, além de poucos, serão violentos. Porque há a idea que a Devoção ao Sagrado Coração de Jesus é só para as mulheres.....

O retrato, que de Manuel Ramos fêz em 1927 Mestre António Carneiro, dá-nos uns olhos cheios de luz que, juntamente com um canto ligeiramente levantado da bôca, parecem sorrir-se já das criaturas ou para as criaturas, desafiando-as o duelo.

Que linda cabeça, essa que fixou António Carneiro!

Aonde iremos descobrir as origens, as fontes de água viva, duma vocação ao apostolado do Sagrado Coração de Jesus? O Sagrado Coração de Jesus chama tôdas as almas ao conhecimento dos segredos do seu Reino. Mas só os Heróis chegam a ver o que o lume dêsses olhos viram, o que a testa dêsse retrato luminoso, que de Carlos Manuel Ramos fêz António Carneiro, conheceu e pensou; o que os lábios dessa bôca, que já se sorria das criaturas, chegou a balbuciar de palavras de Amor. Não falta a êsse retrato o garbo airoso que caracteriza o verdadeiro apóstolo.....

Carlos Manuel Ramos foi militar. Começou por ser militar e acabou por ser militar — foi um Herói.

Aí está o segrêdo da verdadeira devoção ao Sagrado Coração de Jesus — é preciso ser militar, isto é: Herói.

Militar não é um homem que veste uma farda engalanada, para marchar numa parada ao toque de um tambor. Militar é o que dá a vida pela sua Pátria. Militar é quem dá, como Jesus, o seu Sangue pelas Almas — é preciso ser Herói. E Carlos Manuel Ramos, foi com Jesus, êsse Herói.

Diz-se e é verdade: nasce-se poeta; e acrescentaremos: — fazem-se os Heróis e os Santos.

Carlos Manuel Ramos nasceu Poeta e fêz-se Herói e Santo.

Oh! quanto acima o vejo das míseras preocupações da literatice! Não que não fôsse dotado. Era-o imensamente. Mas Jesus chamava-o para uma vida de sacrifício.....

Por isso foi tão grande em tudo o que escreveu.

Prescindiremos aqui dessa faceta do escritor em Carlos Manuel Ramos, para trazer à flor do retrato o halo do que foi no Apóstolo a vida activa — o Homem de Acção.

Até à data dos seus primeiros Exercícios Espirituais, que fez em Agosto de 1931, Carlos Manuel Ramos tinha sido já um soldado como poucos — batera-se pela Pátria aqui e no estrangeiro; tinha sido um professor como poucos — pela competência e dedicação; e só um católico talvez como muitos, isto é, sem pensar muito no que isso seja; embora a recepção, uma vez, do «Compasso» ostensivamente na cela de uma das prisões políticas, em que foi hóspede do Estado, o assinalasse já para grandes cousas.

Como é verdade para tanta gente o que êle diz numa carta datada de 29-3-1932: «Quantas cousas belas estão adormecidas em nós, à espera da voz que as desperte!» E como Carlos Ramos foi fiel a essa voz que o chamava para a vida de apóstolo!

O dia de Santo Agostinho, passado nesses seus primeiros Exercícios Espirituais de 1931, ficou assinalado na sua vida. Por três ou quatro vezes vejo referências a êle nas suas cartas.

E desde aí, na verdade, operou-se na vida de Carlos Manuel Ramos uma remodelação que deu aos seus dias um novo sentido — o verdadeiro sentido. Se não se lhe atribuir um processo de conversão tão total como êsses de que nos deixaram exemplos S. Agostinho e S. Paulo — Carlos Ramos foi cristão de baptismo desde o berço; o que é facto, é que para os tempos de hoje a sua Mortificação e Acção ficam constituindo um exemplo heróico.

«Vicentino» já o era, ao entrar nos seus primeiros Exercícios Espirituais. Mas, ao sair dêles, a Acção que começou a empreender foi tal que deixou o mundo admirado. O que se dera naqueles «Exercícios Espirituais de S. Inácio?» Muito simplesmente o que se dá muitas vezes com quem entra nêles resolvido a «não ser surdo ao chamamento divino» — a Revelação de Cristo, a Revelação de Jesus. Então, nunca se tinha ouvido falar em Jesus? Sim, mas nunca se tinha conhecido com olhos de ver e, por assim dizer, ouvido da sua bôca suas próprias palavras — o seu chamamento.

Carlos Manuel Ramos, ao sair dos seus primeiros «Exercícios Espirituais», vinha louco com o seu conhecimento de Jesus. Começou a fazer meditação todos os dias de manhã, e dizia: «Não posso sair do Evangelho, fico logo às apalpadelas».

E, juntamente com a meditação do Evangelho, começou a ser a Comunhão de todos os dias o seu alimento espiritual.

Compreende-se desta maneira que a Acção de «Vicentino» do Dr. Carlos

Manuel Ramos entrasse a manifestar-se por esse interesse, vindo de dentro, pelas reuniões e pelas visitas aos doentes mais difíceis; compreende-se o calor do entusiasmo pelas novas fundações de «Conferências», por toda a parte aonde ia; pela fundação da sua obra da «Assistência Médica de S. Frei Gil», que lançou e continua a navegar às mil maravilhas.

Porque a «Alma... de toda a Acção», «de todo o Apostolado», como lembra um livro nunca bastantemente meditado, é a Oração, é essa Vida



Carlos Ramos, na qualidade de Governador Civil do Pôrto, visita o *Instituto de Puericultura*

interior cujo segredo se revelara a Carlos Manuel Ramos nos «Exercícios Espirituais de S. Inácio», com o conhecimento profundo da Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo.....

Deixaremos a Acção do Dr. Carlos Manuel Ramos, depois de ter sido chamado a Chefe de Distrito (onde quis também ser «tudo» para os Pobres, mas onde a sobrecarga de trabalho o martirizava, subtraindo-o em parte a essa Vida interior que Êle sentia ser tudo para a sua Acção), para nos ocuparmos em absoluto daquilo que foi em si a sua querida Devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Não é num dia que se acende numa Alma «a Devoção ao Sagrado Coração de Jesus». Mas, se um dia se acende, pode a Alma ser arrebatada ao Céu,—a Devoção ao Sagrado Coração de Jesus já fizera o seu efeito.

Foi o que sucedeu com Carlos Manuel Ramos.

Aquêlê fundo de heroísmo, que apontei no princípio, tinha-o preparado de longe. Mas ao «*Sancta Sanctorum*», da Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, só chegou nos últimos tempos da sua vida.

E a maneira como Carlos M. Ramos abraçou a Devoção ao S. Coração de Jesus em pleno vigor e no apogeu dos seus dons de inteligência, porque a doença que o levou foi questão duns meses e as faculdades intelectuais resistiram perfeitas até ao fim, é um desmentido à teoria dos que pretendem explicar a conversão dos homens da Ciência e da Arte, com a caquexia.

Aquêlê preconceito de feminilidade, que cerca para muita gente o culto relativo às Revelações de Paray, sentira-o também Aquela Alma de eleição? Vira-o talvez, mas indo fundo, como em tudo o que lhe caía debaixo da alçada, destrinçou, descriminou, discerniu, desvendou o núcleo, o centro vital, da nebulosa que o rodeava, da casca grosseira que abafava o fruto, e tudo o que era falso em volta da Devoção ao Sagrado Coração de Jesus caiu para Carlos M. Ramos.

Depois de ter contemplado uma reprodução do «Sagrado Coração», de Roger de Villiers, certamente uma das interpretações mais belas da «Devoção», escrevia: — «Aquêlê duplo gesto, tão *íntimo*, e aquêlê olhar em que se unem a lição do sofrimento e a Bênção!» Era a compreensão exacta do que constitue a Espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus — o sofrimento, Causa para poucos. Sofrimento pelas Almas que se perdem — sofrimento por Jesus: pelo que elas o fazem sofrer e pelo que elas sofrem em si mesmas aqui já na terra e sofrerão depois, se se perderem. E daí, necessidade de trabalhar no desagravo do Coração Sacratíssimo que se queixou em Paray, e na salvação das Almas.....

A Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, contra o sentimento da maior parte da gente, é uma Devoção essencialmente para Homens. Começou no princípio dos tempos evangélicos com S. João, e começou no princípio dos «tempos modernos», depois de já resfriada entre os cristãos, com o B. Cláudio de la Colombière. Santa Gertrudes e Santa Maria Margarida são as enviadas como as Marias ao Sepulcro.

Os Apóstolos, os propagadores da doutrina e da Devoção ao Amor de Jesus Cristo, foram S. João e o B. Cláudio de la Colombière.

E cada vez mais se sente a necessidade de serem os homens os Zeladores da Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, com as proporções que toma de dia para dia a falange dos «Sem-Deus».

Carlos M. Ramos compreendeu então a Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, porque nos últimos anos da sua vida era já êsse homem de Oração e Vida Interior, como apontámos ser necessário para o Apostolado, e sofria com Jesus perante o espectáculo das almas que se perdem, ardendo em zêlo só por as salvar — era um coração que dia-a-dia se conformava mais com êsse «Coração, Rei e Centro de todos os corações».

Convidado—quando ainda em plena actividade no exercício do seu cargo de Chefe de Distrito, sendo além disso solicitado por todos os lados para conferências quer para a «Acção Católica» de que era Vice-Presidente da «Junta Diocesana», quer para outros fins e sobre variados assuntos; convidado nessa ocasião, em que mil ocupações o absorviam — a entrar para o «Apostolado da Oração», não hesitou.

Pouco depois, no Domingo da Ressurreição de 1939, não contente com a prova de dedicação já dada para com o Sagrado Coração de Jesus, quis, para uma união mais íntima ainda, juntamente com um pequeno grupo de amigos, oferecer-Lhe a sua «Consagração Pessoal», que teve lugar na capela de Nossa Senhora da Fátima, da Rua das Valas.

A «Consagração Pessoal» de Carlos M. Ramos ao Sagrado Coração de Jesus marca o ponto mais alto a que subiu a sua vida, tanto do Espírito como da inteligência. Daí a uns meses havia de fazer uma descoberta relacionada com o culto do Sagrado Coração de Jesus que, dada a conhecer em breve, fará sensação no nosso meio.

A sua «Consagração Pessoal» ao Sagrado Coração de Jesus marca também a hora em que foi escolhido para uma missão de sofrimento. Numa das suas últimas cartas, onde dizia ter entrado "*num sábado de Maio no Hospital de Nossa Senhora do Carmo.*", para aí ser operado, lê-se isto: «Passei lá por alguns sofrimentos de corpo e de alma, mas confio na mesma Tutela que não terão ficado estéreis...». Muitas vezes a li (uma carta) e contemplei a bellissima imagem do Sagrado Coração, que me enviou num momento tão escolhido... «Ainda não tinha feito nada pelo Apostolado: só agora pude começar a oferecer alguma cousa». Era extraordinário o empenho que punha em não se esquecer uma só vez de oferecer as dores que sofria, segundo as intenções do Apostolado da Oração; e as queixas que formulava por não o conseguir tão depressa como queria!

Mas quem não vir nesta missão de sofrimento, para a qual foi chamado Carlos M. Ramos nos últimos meses da sua vida, uma prova de predilecção especial do Amor de Deus e um sinal da vocação que o esperava, nada compreenderá nunca das vidas dos Apóstolos do Sagrado Coração de Jesus.

O B. Cláudio foi chamado ao Apostolado do Sagrado Coração de Jesus e foi chamado também ao Sacrifício da Vida. Não foi essa a parte que o mesmo Jesus escolheu para si? E podemos estar certos de que é a melhor.

Não descansemos nós os mais fracos. Não seremos talvez chamados a provas tão difíceis. E esses Grandes, esses Fortes, como Carlos M. Ramos, pedirão por nós, também devotos do Sagrado Coração de Jesus. Ficará sendo esta tôda a nossa esperança.

NUNO ARCHER, S. J.

## MARINHA...

**M**AS, olha... muitos fenícios, de carapuça preta, camisa largamente aberta, tocando as juntas de bois, recolhem a rêde. Ela não tarda, que já os bois, com bravura, correm sem aguilhão, de retesados músculos, como se puxassem o Atlântico. E já as varinas se ajuntam e palram, canastra à cabeça, traçados os chales, com uma graça leve. Avistam-se as bóias! Levanta-se um rumor de batalha. Os fenícios, àsperamente, numa voz arrastada e rouca, praguejam. Oh, as elegantes pragas dum povo que não se teme do mar! Todos dão ordens, eu também. As varinas palram. E sob o vôo airado das gaivotas que cobrem o Céu, entre o rodopio das canastras e a doidice das carapuças, ao longo uivar das ameaças, dos risos, das palavradas, eia! a rêde passa, triunfalmente, deixando na areia (como nas lendas os dragões) um fundo rastro de prata.

Assim, Eugénio, nós os Rapazes, que de amor e de arte vivemos, as nossas lanchas hemos de arriscar, tocar morosamente os bois de paz e de trabalho, jogar com angústia o angustiado jôgo da Fortuna e abrir enfim a rêde, a delicada rêde, pavesada de palpitante argento, a divina sardinha, viva a saltar!

1911, Agôsto.

CARLOS MANUEL RAMOS.

## CARLOS RAMOS

**C**ARLOS RAMOS viveu a vida inteira no seu quarto de estudante luxuosamente pobre, entre poetas, heróis e santos. Ardentemente patriota, inteligentemente português, logo que a idade lhe permitiu fêz-se voluntariamente soldado e tôda a vida ficou como o bom soldado português, soldado poeta, soldado herói e soldado santo. Nunca mentiu — ainda que a verdade dita lhe trouxesse a prisão, ainda que a verdade dita lhe trouxesse a miséria. Artista requintadíssimo, duma erudição invulgar, as suas palavras eram lapidadas, as fixas que tirava do seu lucidíssimo cérebro vinham cheias de doutrina e nunca mais se esquecem. Como todos os que amam a vida e só a aceitam grande, tinha o maior desprezo por ela. Concedia-se até em horas vagas o coquetismo de andar sorridente por entre balas e perigos. Só um pequeno grupo de amigos sabe as suas aventuras heróicas e o Pôrto só o conheceu quando o seu sacrificio o levou ao Govêrno Civil. O Pôrto que é rude e criança mas que amou sempre os heróis da honra inclina-se diante do seu aprumo naquelas horas — e foi uma consolação para mim quando um dia no meu consultório um homem do povo, rude e iletrado, me disse quando se cruzou com Carlos Ramos:

— É o Dr. Carlos Ramos? — Ah! êste é um Homem.

Carlos Ramos, como todos os heróis portugueses, era religioso, mas o estudo de Dante, com quem conviveu anos, trouxe-o ao Catholicismo militante e fê-lo com tôda a alma, com todo o cavalheirismo ardente da sua alma de cruzado.

E nos últimos tempos, depois das mil aventuras heróicas, viveu "a sua mais bela aventura,,.

*Pôs-se a ler vida de santos, aureolou-se na luz dos evangelhos.  
A doença foi a libertação. A doença, que costuma escrever sôbre*



Carlos Ramos, oficial aviador, em 1914

*as faces a sua geografia de aflições e decadências, não o tocou.  
A sua face tinha nas últimas horas a expressão dos santos, a calma  
ardente dos que já vivem na luz.*

*Pôrto, 18 de Fevereiro de 1940.*

ANTÓNIO DE CASTRO HENRIQUES.



## O DR. CARLOS RAMOS

**A**-PESAR-DA minha longa carreira oratória, nunca falei num cemitério. Tenho entendido sempre que a melhor eloquência, num campo santo, é a do silêncio. Lá não se fala, medita-se; não se perora, ora-se.

Se não fôsse êste critério eu teria dito junto do coval do Dr. Carlos Ramos, pouco mais ou menos, o que passo a escrever.

Junto do seu cadáver a gente não poderia pensar senão em vida. Privilégio e glória dos que morrem no Senhor.

Vida de espírito, um dos espíritos mais cultos e interessados da nossa terra. Matemático, com uma grande erudição filosófica e literária, crítico de arte, inteligência profunda, sensibilidade apuradíssima, professor prestigiosíssimo, um temperamento duma delicadeza invulgar, era criatura de escol.

Vida exemplar de conformidade com a sua fé, que professava com um desassombro, com uma piedade, com um espírito sobrenatural, que edificavam.

Vida de amor, pela prática da caridade.

Vicentino integral, trabalhou sempre para a transfiguração moral e felicidade dos pobrezinhos — em que êle via os filhos predilectos de Jesus Cristo, seus sacramentos vivos, outros Cristos no dizer de Monsabré, e a quem êle deu uma unção mais que real, escolhendo-os para seus representantes; e com a sua regeneração a da sociedade, tão doente, tão ameaçada na sua indispensável estrutura cristã.

Vida heróica, servindo sem uma hora de desfalecimento a causa sagrada de Deus e de Portugal. É modelo de portugueses, e não conheço quem, melhor do que êle, cumprisse, fôsem quais fôsem as dificuldades, pontual e rigorosamente, o seu dever.

Não transigia quando os princípios estavam em jôgo: a sair da linha recta que a si mesmo, desde moço, traçou, preferia tudo, até a miséria.

Um dia chamaram-no às altas funções do Govêrno do seu distrito. A-pesar-da sua modéstia — como que se apagava e escondia — aceitou. Chamado a servir, obedeceu.

E ninguém exerceu o cargo com mais competência, assiduidade e zêlo.

Um dia viu-se obrigado, por imperativo da sua consciência, a deixar êsse cargo.

É curioso que se afirma, não raro, que em Portugal não há «homens». Talvez seja assim; mas o que também é verdade é que a alguns que aparecem tratam-nos de maneira a eliminá-los.

Pois Carlos Ramos era um valor real: e foi pôsto à margem.

E ao seu lar, aos seus alunos regressou, desgostoso certamente, mas disposto a «servir» até ao fim, inabalável na sua fé.

Se o Estado Novo é, como creio, a elevação e seriedade de propósitos, a ânsia da reforma moral e intelectual da Pátria portuguesa, o desejo da paz e da justiça social, o espírito cristão, ninguém o encarnava melhor do que êle.

Vida eterna, a que lhe asseguram a sua virtude e a sua crença.



Carlos Ramos, Governador Civil do Pôrto, ao votar nas últimas eleições

Mais uma alma boa que sobe ao céu para fazer descer bênçãos sobre nós; mais um português que morre legando-nos um grande exemplo.

Mas é triste registar que não deixou de ensinar «crianças», quem tinha qualidades para ensinar e dirigir «homens».

Dirigi-los — claro é — pela inteligência e pela consciência, com o maior desprezo pelo culto da força e da matéria, que forma escravos, mas não faz cristãos.

PINHEIRO TÔRRES.

Êste artigo foi publicado no jornal *A Ordem*,  
do dia 24 de Fevereiro de 1940.

## CARLOS RAMOS

*Carlos Ramos—A sua entrada no Cemitério de Agramonte—Palavras de tôdas as bôcas ou comentário de tôdas as almas—Um toque de clarim e uma ogiva humana—A Vida e a Morte, irmãs gémeas—Uma auréola e o último sorriso—Momento de glorificação—Na «Cela da Solidão» eterna—O «Abendlied» e a «Voz do Longe»—Quem foi Carlos Ramos—A sua aparição em público num «Cenáculo» portuense—Primeiras conferências—Trabalhos esparsos e «O Romance Heróico de Schumann»—Junto do coval—Palavras de Carlos Ramos, que são a síntese da sua vida.*

«Faz pena!... Faz pena!...»

.....  
E foi ao murmúrio lúgubre destas palavras condoídas, magoado carpir de almas em saúde, evolando-se de bôca em bôca, que o corpo inerte de Carlos Ramos, assomou ao portão do recinto sagrado de Agramonte! Um toque de clarim cortara o ar, impondo uma ordem.

Para quê? Se o Grande Morto falava alto, ditando-a por si próprio!...

«Faz pena!»

Sim, «faz pena», amigos fiéis!

No seu ritmo inalterável, renasce a Vida, irreprimível, pontual, ébria de seiva, confiante de sonho, absorvente de graça...

Renasce a Vida e renasce a Morte, Vida e Morte irmãs gémeas, filhas do Tempo, ajudando-se invariavelmente uma à outra em seu fadário eterno! E o caixão avançava lentamente sob a ogiva estranha e grande dos braços legionários que se estendiam para êle, como num juramento, num pacto solene... O silêncio pesava, caíndo sôbre nós todos.

Entretanto a marcha continuava, marcha hirta, sem passos, como se fôra de espectros. Ei-lo já perto e, olhando o caixão, donde, aos meus olhos, cuido ver irradiar uma luz aureolante, adivinho-lhe, adentro das tábuas, aquela expressão transcendente de sorriso sereníssimo que momentos antes lhe vira e em que parece pairar a felicidade do dever cumprido, dum destino realizado.

Sorriso que, deshabitado o corpo, julgo ser ainda o rastro do espírito ao abandoná-lo para sempre.

Sobem-se os degraus da capela. Não é um responso: é uma glorificação. Multidão de almas, cada assistente — pode bem dizer-se — é no seu íntimo um oficiante. Findo o ritual litúrgico e atendidas formalidades impostas, eis-nos, por fim, a caminho da *Cela da Solidão*, cela-última, a que êle vai recolher-se junto dos seus, aos quais muito quis. Alguns amigos dizem-lhe

palavras. Não lhes chamarei «discursos». Estes são da terra e ali estava-se muito alto. Uma criancita, que passava no momento, riu e falou alto a quem a acompanhava. Quis-se reprimir essa discordância. Para quê? Era o direito da inocência e da vida.

Que a Luz brilhe! Que a Natureza ria! Que a vida cante!

Matar a Vida é matar a própria Morte! E a Morte é muitas vezes a afirmação dum culto por alguém que a Vida esqueceu. A Morte é, pensando bem, uma modalidade da Vida em que só o efémero desaparece...



Carlos Ramos, Governador Civil do Pôrto, preside a uma conferência, dizendo algumas palavras...

Estava no fim a jornada triste. Começara a debandada. A passos lentos e silenciosamente ia-se despoando o cemitério. Sôbre o coval, um montão de flores, em vigília piedosa, ficava a rezar-lhe as primeiras vésperas da libertação...

A sombra, verbo infável do crepúsculo, vinha descendo a falar às almas.

Era a hora *schumanniana* do «*Abendlied*», que êle, o inditoso Carlos Ramos, tão bem sabia escutar...

Demorei-me, de forma a ser dos últimos a sair.

E, ao transpor o portão do cemitério, parecia-me ouvir ressoar por sôbre o Campo Santo um largo coral misterioso: — «Faz pena!... Faz pena!...» «*Die Stimme aus der Ferne*, a Voz do Longe»...



E quem foi Carlos Ramos para congregar em volta dum caixão humilde tantas almas em dor sincera? Isto apenas: — um Carácter e um Espírito. Apenas?!

Prouvera a Deus que não rareasse tanto essa aliança luminosa.

Saindo aos seus, viera a dizer-nos cousas sôbre Arte, sôbre Música, que era timbre de família. Foi no Cenáculo da Cancela Vélha, de tão saudável memória, a antiga Casa Melo Abreu, que êle nos apareceu a primeira vez em público, acamaradando com Luiz Costa em três *Conferências-Concôrto*, a primeira em 17 de Março de 1916 e a segunda (Schubert e Brahms) em 11 de

Maio do mesmo ano, sessões que o talentoso pianista organizara «*para vulgarização da música de piano*», conforme rezavam os programas. Autores a ouvir — Beethoven, Brahms e Schubert.

Que melhores motivos para um espírito culto e de rara sagacidade? Programas decisivos em que entravam, de Beethoven as sonatas op. 22, 57, 110 e 111; de Schubert a op. 53 e de Brahms a op. 24, «*Variações e fuga sobre um tema de Händel*». Estas três conferências, que de pronto marcaram notável lugar na primeira fila ao seu autor, foram publicadas na *Revista dos Estudantes da Universidade do Pôrto*. «*Alea jacta est*». E entraram a aparecer com regularidade no *Janeiro*, em que seu pai garbosamente abria já caminho, as críticas que lhe outorgaram nome autorizado.

Obra esparsa, condenada a perder-se em fôlhas volantes, jornais diários, merecia bem a sua coordenação criteriosa em volume de homenagem. Recordo algumas páginas, já garantidas contra a dispersão em publicações ulteriores (*História da Evolução Musical por Moreira de Sá — sobre Ravel, a Atlântida, além da «Revista», já citada, etc.*). Uma obra há, porém, a que devo menção especial, entre tôdas, e que será fecho desta crónica, por considerações particulares que assim mo impõem — «*O Romance Heróico de Schumann*», publicado em 1922.

A essa obra, primeira e única no género entre nós, tratando assim desenvolvidamente e psicologicamente — pois não é uma biografia, mas sim um estudo de alma — o grande Compositor do *Zwickau*, no seu duplo aspecto moral e artístico, sempre em constante e íntima ligação, a essa obra estão presos, desde a primeira à última página, dois nomes, que, no momento sagrado do seu autor ingressar na paz eterna, ajoelham comovidamente à beira do seu coval, depondo sobre a terra que o cobre um olhar de infinita tristeza e erguendo-lhe à memória luminosa a mais sentida e rendida gratidão.

Carlos Ramos fixara nela estas palavras: — «*A Arte vale consoante a grandeza humana que contém*». Assim a Vida — comento eu. Regra e epitáfio, escreveste de ti e para ti, bondoso Amigo.

Pôrto, 25-2-940.

JOAQUIM FREITAS GONÇALVES.

## CARLOS RAMOS

**P**ORQUE não falei eu dêste homem ilustre, logo depois da sua morte? Circunstâncias diversas actuaram no meu espírito e na minha sensibilidade, impedindo-me realmente de o fazer.

Carlos Manuel Ramos era para mim, quasi desde a sua infância, uma das minhas afeições mais fundas; um dos mais raros e melhores espíritos, que algum dia me foi dado conhecer; uma alma singular e nobre, como poucas se me depararam na vida.

Filho dum grande amigo meu, João de Oliveira Ramos, jornalista de velha guarda, que tinha, no mais alto grau, a paixão da fôlha em que escrevia, e era capaz de sofrer por ela, como jamais alguém pelo seu jornal sofreu, foi, como seu pai, na sua feição moderna, um romântico impenitente, com qualidades invulgares de escritor delicado e primoroso.

O *Pai Ramos*, como todos nós lhe chamávamos no *Primeiro de Janeiro*, criou entre nós não só uma escola de jornalistas mas ainda um estilo de jornal.

A essa escola pertenceram, entre outros, Luiz Botelho, João Chagas, Gualdino de Campos, Oliveira Alvarenga, Guedes de Oliveira, e outros, que com êles acamaradavam e fizeram depois um belo nome nas letras.

Juntavam-se na sala da Rua de Santa Catarina, com relativa freqüência, João Saraiva, Guerra Junqueiro, José Sampaio (Bruno), Teixeira Gomes, Ricardo Malheiros, e mais alguns, que a vida ou a morte dispersou depois.

O *Pai Ramos* era o pontífice máximo dêsse Cenáculo radioso, onde até a eloquência sagrada tinha, por vezes, a categorizada representação do Cónego Alves Mendes, amigo e admirador de Camilo e um dos freqüentadores habituais do velho *Janeiro*.

O *Pai Ramos* evocava, anos depois, com certo desvanecimento e alguma emoção, essas quasi desvanecidas memórias.

Dos seus filhos mais velhos, o Manuel e o João Crisóstomo, que foram personalidades de relêvo no professorado superior e secundário, um dêles, alcançou por concurso brilhantíssimo, uma cátedra na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e o outro, notável professor de Matemática no Liceu, foi, durante algum tempo, lente auxiliar de Engenharia, depois de ter sido um dos alunos mais laureados do seu curso.

Temperamentos diferentes, embora ambos excepcionais, Manuel Ramos era a exuberância personificada, a vida fremente, a vibração e a ironia, na

sua expressão mais elevada e fulgurante. Com uma cultura invulgar e uma formação científica muito séria, veio a ser preceptor do Príncipe Real D. Luiz Filipe, por honroso convite de sua Mãe, a Rainha Senhora D. Amélia.

João Crisóstomo, muito seguro na sua formação matemática, era pouco comunicativo e quasi acanhado, trabalhando, com valor e modéstia, no recolhimento e na sombra.

O *Pai Ramos*, em conversa comigo, apreciava assim os seus dois filhos mais vélhos:

— «O João sabe muito da sua especialidade, mas é pouco brilhante, ao passo que o Manuel faz em qualquer parte muito melhor figura, porque é ajudado por uma palavra muito fácil, que nunca o atraiçoa. É vivo como um azougue e ilumina como um relâmpago.»

Efectivamente, era assim.

O Carlos Manuel, muito mais novo do que qualquer dos dois, veio a ser, afinal, por um conjunto de circunstâncias, uma espécie de pupilo e discípulo de seus irmãos.

João Crisóstomo preparou-o a sério para que viesse a ser um espírito de formação matemática; e o Manuel, já cego, num convívio incessante de cada hora, comunicou-lhe o entusiasmo pelas Humanidades, o amor

das Letras e da Arte, a paixão da Música, a ansiedade de tudo conhecer e de tudo sondar, que foi uma das características do seu espírito elegante e raro de homem verdadeiramente intelectual.

Em Lisboa, Carlos Manuel, não só foi, muitas vezes, um leitor consciencioso das lições de seu irmão, na fase dramática da cegueira, mas foi, por tôda a parte, o seu mais dedicado companheiro, em visitas e passeios.

Os nobres dons da sociabilidade, que possuía no mais elevado grau, foi-os adquirindo ao lado de Manuel Ramos, que em todo o País alcançou, aliás com tôda a razão, a fama de um verdadeiro homem de talento.

Isto pode explicar, de algum modo, o amor das Letras, das Ciências e da alta Cultura, mas não é suficiente para explicar a requintada formação



Carlos Ramos, Governador Civil do Pôrto,  
num acto inaugural.

mística do seu espírito, a sua rara lealdade, o seu culto da honra e do dever, que fizeram de Carlos Ramos, quasi uma criança, a mais pura e nobilíssima encarnação da vida moral.

Foi tudo isto que fez d'ele, como os seus íntimos lhe chamavam, um verdadeiro herói, no aprumo, na galhardia, na altivez indomável, no despreendimento de todo o interesse, na sua sujeição inalterável a um ideal, na renúncia a tudo quanto fôsse mesquinho, apagado ou simplesmente vil e ordinário.

Nesses momentos, Carlos Ramos encarnava em si, e com que excepcional devoção!, o idealismo de outras eras. A alma do pai como que acordava n'ele, já sublimada e engrandecida pela modelação mística, apurada ainda por uma cultura vasta e seleccionada, em que o conhecimento mais profundo da *Divina Comédia* do Dante e a devoção religiosa, mais sincera e firme, ajudaram ainda à fixação dum feito moral, do mais austero e intransigente carácter. A-par de tudo isto, havia n'ele um nobre e bondosíssimo coração. Nivelava-se com os humildes e os pobres, a cuja cabeceira se sentava com a maior frequência, nas suas visitas vicentinas.

Há notas da sua vida moral que emocionam e abalam profundamente. Quando um dia, em virtude da lei, o obrigaram a prestar, como soldado, juramento de fidelidade à República, depois de, meses antes, o ter prestado ao Rei, respondeu, firme e enérgicamente:

— «Não posso prestar esse juramento, que é uma afronta à minha vida moral. Ainda há pouco jurei defender o Rei, e não posso prestar agora um juramento contrário.

Observaram-lhe que semelhante recusa teria as suas naturais consequências, mas arrostou com elas, sem hesitar. E sofreu, quasi alegremente, a prisão que as leis militares e os regulamentos lhe impunham.

De outra vez, um Ministro da Guerra, aliás inteligente mas jacobino exaltado, determinou que fôsem presos e castigados os militares que se apresentassem nas igrejas, a receber a Comunhão Pascal. Carlos Ramos escreveu ao Ministro uma carta memorável, em que lhe anunciava que, como católico, desobedeceria conscientemente à sua ordem. E fez isto numa fase perigosa de fanatismo e de paixão liberal.

Quando governador civil do Pôrto, actuou sempre com a maior correcção e firmeza, nas condições que todos conhecem.

Foi nobre, foi leal, foi aprumado e foi digno. Até aquêles que se encontravam em divergência accidental com elle deveriam ter compreendido a porção de vida moral que se albergava naquele organismo enfezado e doente, mas a que a fôrça interior de uma consciência indomável emprestava energias prodigiosas.

Carlos Ramos foi ainda um intellectual de grande raça, um belo talento de homem de letras, recolhido na simplicidade e na modéstia mais estranhas.



Dominava todos os problemas estéticos com uma segurança invulgar e um saber precioso. A Literatura era-lhe tão familiar como a Música, a Mística ou as Artes plásticas.

É conhecido o seu admirável estudo sobre *O Romance Heróico de Schumann*, em que se faz a evocação do grande músico, em palavras quási imponderáveis, à fôrça de exprimirem graciosamente as mais altas e deliciosas quimeras.

Por vezes, tenho a impressão de que alguma cousa da sua própria vida se fixa para sempre nessas páginas de leve tessitura, em que se pintam paisagens róseas como um beijo de adeus, ou se desenham píncaros e algares, através das florestas e das ondas.

Sabe-se ainda, com que delicadeza infinita, êle traçou *A mais bela aventura de António Feijó*, e presume-se o que deveria vir a ser o *romance místico*, lírico e penetrado de idealidades celestes, em que se fechou a existência, também heróica, do grande Fr. Agostinho da Cruz.

Quem não vê, em algumas das suas notas mais emotivas, o amoroso e o lírico a revelar-se, mesmo para além do equilíbrio da sua vida intelectual?

Quantas aspirações e ansiedades perdidas, a que o destino foi cortando impiedosamente as asas! Às vezes, havia no seu pensamento uma vaga lucilação de estrêla; o florir risonho duma quimera; a necessidade de ascender, sorrindo de leve, a escarpa dolorosa. E foi êste, em grande parte, o segrédo do seu drama.

Que infinita amargura deveria ter sido o remate dessa existência malograda, tecida e trabalhada de dores, ante a morte libertadora em que êle penetrou com o mesmo heroísmo moral com que encheu de beleza a sua vida inteira de sonhador e de paladino cristão!

JOAQUIM COSTA.

Esta crónica foi publicada no *Jornal de Notícias*, de 3 de Março de 1940, com o pseudónimo de CELSO.



# ENCANTAMENTO

À memória querida de Carlos Ramos

**A** chuva nos vidros, negros da noite que vai lá fora,  
O vento nas árvores, vergadas como homens levando a vida...

O tempo não anda para quem olha êste lume vivo  
Que vem das achas a arder no fogão tôsko  
E põe sombras nas paredes nuas e nas traves do tecto.

A chuva e o vento fazem mais solidão,  
A alma sente pelas árvores mudas,  
O negrume da noite tapa sonhos e esperanças...

Sobe do fogo um calor que aquece cá por dentro  
E há uma saúde mais doce e fraterna para a vida...

ALBERTO DE SERPA.

## O ROMANCE HERÓICO DE SCHUMANN

O instante do adeus produz em nós a sensação do doce e triste acorde menor que ressoa *raramente*. Tôdas as horas do crepúsculo da infância desaparecida, tôdas as imagens do efémero presente, todo o quadro do porvir fogem no planger dos sinos que se unem para formar este acorde». Lá fica sua Mãe na cadeira dos avós, no ângulo da janela, a cismar. Adeus Teresa e Emília, adeus Carlos e tu, enternecedora Rosália, adeus! O seu piano de Zwickau tão querido! Uma última vez, chorando, põe as mãos sobre o seu vélho teclado e ei-lo, na mala-posta de Leipzig, a caminho do Mundo.

Tudo o impressiona, o atrai, os seus planos de vida são uma colecção. Para usar uma palavra sua, os anos de mocidade são para Roberto Schumann um *álbum* de maravilhosas estampas. Um momento, vive uma vida genial de estudante, pundonoroso, preocupado de elegância: fuma grandes charutos, esgrime, adora a poesia, despreza os Filisteus, deita o seu dinheiro pelas janelas. Logo, em casa de Wieck, o fantasista hipersensível enlouquecido de música inventa histórias de Ali-Baba para a deslumbrada pequena Clara. De Leipzig a Francfort a viagem é «um vôo através de mil céus de Primavera». E vêde o Reno! *Castelos e montanhas no Reno se reflectem*. A auréola da lua brilha clara e azul. Trasbordante a alma, o viajante grita o seu nome aos ecos — Roberto! Mutaçào: nos seus cadernos de notas escreve que as raparigas da margem esquerda têm traços muito finos, uma expressão mais risonha do que inteligente; que na margem direita lindas camponesas em trajos de domingo passeiam ao sol-pôr; que uma inglêsa admiravelmente bela... E assim sucessivamente. Novo cenário: em Heidelberg o aposento principesco — em face a montanha coberta de carvalhos e a cidadela — onde entremeia os estudos de direito com as valsas de Schubert. Bailes, recepções. Mas uma aspiração o domina — a Itália! Domo d'Ossola, lago Maggiore, Verona, Padova, Venezia, nomes de ouro que o chamam como carrilhões de festa! Então, *madre carissima, lascia mandarmi di denaro!* Consegue os napoleões, deixa-se arrastar pela música de Rossini, embriaga-se da língua italiana, essa «música eterna», enjoa terrivelmente sobre o grande canal. Na verdade, um *álbum* de sensações. Cada paisagem, cada figura, cada instante imprime nêle a sua estampa de incomparável intensidade e agudeza. É, de contraste em contraste, um borboletear de impressões, vivíssimas sobre um fundo de negras letargias, tendo por nexos — o capricho. «As pessoas sentimentais», escreve Roberto Schumann, «amam o rapsódico na arte e na vida».

Agora passa na lanterna mágica a figura de Paganini — o fabuloso Paganini que um pacto com o Diabo salvara das galés, se é que o Diabo e Paganini não eram uma e a mesma pessoa. Sulfurosa aparição que, à sua maneira, parece ter pôsto o nosso Schumann na sua fantástica estrada de Damasco. Vocação: infinitas vozes, em verdade, o *chamam*, tumultuosas músicas acordando, propagando-se, excitando súbitos ecos. Vozes da infância, vozes hereditárias e, gritando já acima de tôdas, a impulsão do seu querer. «Ó minha Mãi, se eu tivesse que fazer alguma cousa de grande neste mundo, seria pela música!» — assim suplicava Schumann. Mas agora é a sua fôrça triunfante que êle proclama, a consciência de poder fazer mais ainda, se quiser. O génio criador! O desafio da adolescência reaparece, inabalável. Por cima dos pobres juriconsultos, por cima dos prudentes conselhos, por cima da execrada Prosa — para além! para além! para onde as vozes o chamam, a Música! «Eu sou modesto, tenho muitas razões de o ser, mas sou bravo, paciente, cheio de confiança e maleável».

E venceu! Outra vez em Leipzig, num antro de poeta, entregue para sempre à sua Musa. Que bárbara melancolia, todavia, o invade de dolorosas indolências? Embora! As alegrias da luta quotidiana gradualmente dissipam as nevoentas agonias. Os dias de trabalho, os únicos vividos! (1) Divinamente livre, sobe a insólitas alturas no puro éter da Poesia e dos Sons. Vive num mundo incoercível, onde mil fontes saltam, mil arcos-íris se recruzam, onde mil espectros brancos dançam à sua fantasia. Mas, aí do artista! num momento as fontes secaram, os íris sumiram-se, os espectros refluíram aos covis. De novo na densa agonia, de novo no combate quotidiano. Esboça sinfonias não escritas, concebe uma ópera, o *Hamlet* — o Hamlet! Ah! Schumann é grande! Simples, verdadeiro, sóbrio. Ambicioso de glória, fiel à sua vocação. Altivo para os estranhos, obediente às doces leis da arte. Calado. Muito direito. Na música e na vida, uma susceptibilidade de príncipe. Absurdas intercadências, contudo, o dilaceram — um sacrificar tudo a um momento de desespero, mimos de criança sem amparo, crises de ruindade. «Estou magro, enfezado», escreve a sua Mãi. Logo sugere — «e se eu cegasse?» Depois é o pavor do cólera que o toma — um pavor infantil, doloroso, ridículo: põe em ordem os seus papéis, faz testamento, quiere fugir para Weimar, para a Itália, para a Sicília — e deixa-se ficar, afinal, em pleno cólera para rever as provas da sua óp. 2.

Os *Papillons!* Esta obrzinha, em que a juventude grava um sêlo perene, dedicou-a Schumann às mulheres de seus irmãos, três figuras de João Paulo, mas do fundo do coração à encantadora Rosália. Relê os *Flegeljhare* do seu João Paulo — os *Flegeljhare*, as «loucuras da mocidade» — e o motivo das borboletas desenha-se no ar. Depressa os incertos vôos se transformam

(1) Jours de travail! seuls jours où j'ai vécu! — *La Nuit d'Octobre*.

num fugaz encadear de estados da alma. Não é a borboleta o símbolo da alma? Baile de máscaras em que desfilam singulares figuras — gesticulantes, lívidas, com nomes de novela. É este Walt, o lacrimoso Walt das ternas contemplações? É aquêle Vult, o agressivo entusiasta? Ou são já Eusebius e Florestan, afivelando uma máscara sôbre outra máscara? Donde sai a confusa multidão, do livro de João Paulo ou de dentro da sua alma? Através das máscaras luzem os olhos dos antepassados. Num recanto da pantomima, ouve-se a meia voz um diálogo de amor. A valsa enleia-se, o drama irrompe, o baile segue. Febrilmente, a noite voa, estonteadora. Mas, ah! seis badaladas tombam do relógio da tórre. Uma atrás outra as máscaras se despedem. A melodia das borboletas vai perdendo notas. Outra máscara parte e mais outra. Até breve, graciosos convivas, cedo apertaremos as vossas mãos geladas! A melodia vai perdendo notas. E com um rápido, último bater de grandes asas pretas a noite de Carnaval se extingue na nudez antecrepuscular.

Mas a meio-angélica Rosália adocece, irremediavelmente



Clara e Roberto Schumann

adocece, ei-la partida para o nocturno País das Recordações! A carinhosa, ideal Rosália, morta! Estrangulado de agonias inenarráveis, Schumann debate-se entre medonhas alucinações. Perde-se no entrechocar de sombras hereditárias que o arrastam, ao som de horríveis acordes, até às fronteiras da loucura. Tôda uma noite, uma noite de Outubro, os fantasmas se desencadeiam, o acometem, o ulceram, o impelem para o abismo. A razão e a demência! A demência e a razão! Incomportável, interminável noite sem ar. Só uma branca forma a espaços o defende. Ouvi: já do alto dos montes sopram as buzinas os batedores da manhã. E as aventesmas numa sussurrante debandada se evadem para o nocturno País onde vive o Pai, onde Rosália vive.

Esmagado de sofrimento, fica Schumann caído numa negra atonia, estátua sem frio e sem calor. Não o façam sofrer! Tudo o sobressalta; não pode viajar só, não pode dormir só. Uma criança cheia de medo. Depois, pouco-a-pouco, as nuvens de tempestade iluminam-se docemente. A glória, a arte voltam a sorrir. Encontra um amigo, Schuncke, um grande músico. Uma boa palavra o torna feliz. «Um cantinho azul num céu anuviado vale mais por vezes que a imensidade do firmamento». Ansioso de afeições, agrupa em volta de si, numa guilda imaginária, íntimos ou desconhecidos, tôdas as figuras que ama: são os *Companheiros de David!* «Mozart foi um grande Davidsbündl, como Berlioz o é». Não basta. Uma inexorável sede de ternura o lança na terrível cabra-cega do amor. Aquela noite de Outubro, sempre ressoando fina, martirizante, o leva abruptamente para a doce mocidade de Ernestina. As cartas de Henriqueta acalmam-o como a mão de um anjo — os seus olhos nos dela, cala-se longamente: «não se pode falar alto numa igreja...» *Judite, Dulce, Lavínia e outras*. E Clara? Clara era um virtuose de catorze anos muito guloso de cerejas. Uma corrente de esperança circula no ar. Amimado, excitado pelos prelúdios da celebridade, vêde-o à frente dos Fundibulários, estandartes ao vento, contra a Regra, o Processo, a Rotina estética! Aos Filisteus guerra de exterminação, dentro da alma o equilíbrio. A despeito de tudo! O céu de tarde tempestuosa limpou. Fala o Poeta: «o arco-íris da paz serenamente se curva sôbre tôdas as lágrimas e da tormenta o coração eleva-se maravilhosamente purificado e enternecido!»

Schumann, feito valente, reúne as alquebradas fôrças, concentra-se numa obra imensa. Nos *Estudos sinfónicos* marcam-se patentes os vestígios da mal sarada crise. Que abatimento nas primeiras variações! Como amarguradamente a alma bate as grandes asas ansiosas para tombar exânime no *Para quê?* do último abandôno! Fantástico, ouve-se ainda o estrupir dos espectros que retiram. «A nossa vida», diz João Paulo, «é semelhante a uma câmara escura: quanto mais negra, mais vivas se formam nela as imagens de um outro mundo». Fugazes desenhos aparecem e desaparecem como elèctricamente lhe percorrem os nervos. Já das desesperanças em que se aninhara, a alma sai acalentada, pronta para novas lutas. E na sua infantil volubilidade brinca com os pavores de inda agora, corre atrás dos avejões retardatários, prende-os, fá-los os *marionettes* duma burlesca dança macabra. A mocidade extravagante em inexauríveis jogos de fantasia por êsses pequenos *scherzos*, labirintos de árvores raras, onde reina o Capricho. Com petulância, com velocidade, com fogo, lança-se num tumulto de ritmos vivazes, agita uma profusão de curtas frases, desencontradas, anelantes, traços que fulguram e passam, danças de pirilampos numa sobreexcitada *féerie* musical. Animação impetuosa demais que sem transição se resolve em apaixonados lamentos, interjeições dolorosas, interrogativas, desejos sem forma: assim o músico vibra entre estados opostos até que, insinuante, a paz o envolve, lhe quebranta as insondáveis torturas na página balsâmica de lirismo onde, nocturnamente,

idilicamente, alma a alma, duas vozes se enlaçam, íntimas, profundas. Seja o hino esplêndido a vitória da personalidade sôbre as patéticas fascinações que a solicitam, a asserção exultante do eu reconquistado!

É do mesmo ano um poema de mocidade e de graça, as luminosas *scènes mignonnes* do *Carnaval*, que têm, contudo, sombrios bastidores. Não longe, esperam na sombra as sentinelas — os pertinazes algozes da noite de Outono. Os espectros amam os ritmos de dança, na dança, pantomima do amor, vibrando insatisfeita a sua ânsia de perpetuação. Acorrem ao baile, já Schumann os conduz num Preâmbulo pomposo, subtilmente disfarçados, irreconhecíveis: são os seus personagens interiores. Dissimuladamente, a primeira máscara entra na luz — é o irresoluto Schumann-Pierrot, um príncipe na sua alma sumptuosa, um desajeitado vulto entre as realidades do baile. Dum extremo ao outro, com espírito, uma nova máscara salta, Schumann-Arlequim, o fanfarrão, faiscando estocadas de capricho. No refluxo, perdido na valsa nobre, Eusebius sonha, um sorriso irónico nos lábios ligeiramente amargos. E aqui temos Florestan, o mais simpático de todos, o homem decidido que arrosta as grandes ocasiões, comete os grandes disparates, complica tudo, perde tudo e salva tudo, afinal. Florestan e Eusebius são em Schumann a contradição intrínseca do seu destino. Florestan é o aguilhão hereditário impelindo-o sem trégua no seu caminho. Eusebius, concentrado, como recordando a mensagem, pára e, nostálgica, a sua alma lá vai, arrebatada para o seio dos Avós. Máscaras sem-fim. Schumann decompõe e recompõe os seus personagens, um pedaço cada um de vida anterior. Schumann brinca com os antepassados, os antepassados brincam com êle. A turba contraditória nada em ondas de cumprimentos em volta de *Coquette*, a rainha do baile. Um quer, o *outro* não quer, cada personagem, cada impressão — e entre todos, agora e logo, espreita um rosto infantil. Neste embater de seres que se baralham, qual é Schumann? Não costumava êle aludir a si próprio na terceira pessoa — *o signor Schumann, um certo Roberto Schumann?* Impenetráveis, fuzilam os olhos trágicos das Esfinges. Reaparecem as Borboletas. Volutas agitadas, hieroglifos bailantes no caótico sentir, letras dançantes, o eclipse do eu. Naufrágio? Não, salvo! a boa fortuna traz, apaixonadamente saúdada, a meio-infantil Chiarina. É bem o seu andar nobre e sério! E eis Chopin, o grande Davidsbündl! E eis Estrêla! Estrêla! Gritos de reconhecimento, bemfazejo encontro! Poético-grotescos, Pantalón e Colombine ainda fazem ouvir as mal jeitosas passadas. O cadavérico Paganini com o seu infernal *pizzicato* quebra a valsa alemã e, como entrou, regressa aos seus escuros confins. Quási no fim do baile, Florestan põe térmo às perplexidades sentimentais. Florestan resolve. Com o seu conhecido *ad libitum* em matéria de convenções, aproxima-se da máscara juvenil, convence, desfecha a confissão. Afinal tão fácil ser feliz! Pausa. E uma acertada determinação lhe ocorre: a Marcha dos Davidsbündler contra os Filisteus.

Salutar epílogo: celebremos esta vitória de Hamlet sôbre Fortimbras.

Ah!, se apenas Hamlet quisesse, ai de vós, trombetas de Fortimbras, pobres estrepitantes tambores! Mas incoerentes reminiscências divagam na esplanada de Elsenor — irresolúveis, paralisantes enigmas. Uma máscara e outra e outra. Mil rostos aparecendo detrás do mesmo rosto. Por isso a vida é um Carnaval — a Comédia Humana. Perdido o equilíbrio íntimo, que certeza resta? A vida é um suceder de imagens momentâneas, transformando-se umas nas outras por desvairantes antíteses, da ironia às lágrimas, do desespero ao entusiasmo. Os Sentimentos, as estrélas que alumiam aquela muito longínqua paisagem, que é dêles? Escondidos, sumidos no encastelar das Impressões. Nuvens luminosas, nuvens entenebrantes, outras azuladas, soberbas — tôdas ar e água, como as nuvens do céu (1). O impressionismo de Schumann, tão falado, é na essência um impressionismo moral. *Coquette* é uma imagem, Ernestina outra imagem — reflexos de água. O amor de Ernestina, a dama eleita, penetra-o de indizíveis amarguras. Oh! a quente mão de Henriqueta! Começa uma carta para a indulgente Ernestina, termina-a para Henriqueta neste singular estilo:

«Acabo de olhar o céu — cinco horas batem; pequenas nuvens, brancas como cordeiros, flutuam no ar. Não vejo luz na vossa janela, mas no fundo do quarto distingo uma forma graciosa, a cabeça entre as mãos. Os olhos cheios de dor parecem perguntar se pode ainda acreditar-se na amizade, no amor. Como eu desejaria aproximar-me dela e humildemente, respeitosamente, beijar-lhe as mãos, mas ela se desvia!...»

Eis o rapsódico na vida.

CARLOS RAMOS.

Excerto do livro «O Romance Heróico de Schumann» — Pôrto, 1922.

(1) «... e quanto à sua filosofia, não é senão ar e água, como as nuvens do céu», *Reisebilder*. Sobre o impressionismo de Heine, ver Lichtenberger, *Henri Heine penseur*.



## JOÃO SEBASTIÃO BACH

**F**AZ hoje 250 anos que nasceu João Sebastião Bach. Todo o mundo celebra esta data. Mas como consideraram os contemporâneos aquêle que foi talvez o maior músico de todos os tempos? Para o público da primeira metade do século XVIII, conquistado pelo italianismo e ávido somente de prazer, Bach tinha o mérito de ser um grande organista, pouco mais. A sua situação em Leipzig era bem medíocre. A morte do artista passou despercebida, a família ficou em dificuldades e a obra caiu no esquecimento. Reinava Frederico em Berlim e Voltaire em Paris.

Não devemos, no entanto, lamentar a sorte de João Sebastião. Num lar patriarcal, verdadeira oficina de música cujos obreiros eram a sua imensa prole e parentela, humildemente, na alegria plena da criação, cada semana preparava o trabalho para o domingo seguinte e arrecadava no arquivo o do domingo anterior. A fama crescia num círculo restrito de verdadeiros músicos. Não atingia o público, mas atravessava as fronteiras. E a lição não ficou perdida. «Emfim alguma cousa de novo!» — exclamava Mozart indo-lhe por acaso às mãos uma obra sua. O jovem Beethoven meditava o «Cravo bem temperado» e a incorporação do estilo fugado no plano da sonata ficou sempre uma das características da renovação beethoveniana. Schumann e Mendelshon, por seu turno, iniciaram uma campanha da qual data a aceitação pelo público universal da herança de Bach.

Só no fim do primeiro quartel do século passado se pensou em publicar as suas obras, o que foi feito numa meia centena de grandes volumes. Perto de 100 anos tinham permanecido na sombra. E neste descuido, fôra fazendo caminho a lenda popular de um Bach pesado, arrevezado, escolástico, que ainda de certo modo persiste.

Como se explica uma tal opinião acêrca do mais poético dos músicos? Primeiro, pela opposição entre o carácter religioso do génio de Bach e o espírito do século XVIII, o «século das luzes», como então se dizia. Mais tarde, por um êrro da crítica romântica, se bem que a esta cabe a glória de descobrir a grandeza de Bach. Para os românticos só havia arte onde houvesse paixão — o que é exacto — mas só se admitia como paixão o furor dos sentimentos exasperados e desencadeados. Outros tons de paixão e de sentimento, como a esperança, a alegria, a robusta calma da fé, as efusões da alma eleita, eram tidas de menos artísticas.

Um equívoco idêntico deu causa a que o entusiasmo romântico, ao

tirar do esquecimento a «Divina Comédia», fizesse convergir as atenções para os contrastes dolorosos do primeiro cântico, porém esmorecesse diante das emoções ternas e exultantes dos outros dois.

O preconceito contra o estilo polifónico, que prejudica na estimação popular as composições de Bach, vem já do seu tempo. Seu próprio filho, Filipe Manuel, fala com ironia do contraponto, em seu juízo sempre sêco e pretencioso, espécie de reunião em que todos falam ao mesmo tempo sem ninguém se entender. Filipe Manuel enunciava dêste modo a vitória da música dramática sôbre o canto colectivo, vendo apenas um dos aspectos da sua arte, aquêle que despontava no horizonte e ia dominar os novos tempos. Mas João Sebastião, o grande conciliador, abrangia um panorama mais vasto. Ninguém como êle dera poderoso impulso ao desenvolvimento da melodia sôbre um fundo harmónico. Ao mesmo tempo condensava a evolução da música antiga, carreando as riquezas modais da Idade-Média e salvando uma forma prestes a submergir-se, de que fêz o fundamento da sua arte — o coral. Bach é a linha de cumiadas onde duas imensas regiões se reünem e separam.

A grandeza de Bach não está na sua complexidade. Complexidade não abstracta, mas expressiva. Formas regulares que não são o efeito dum cálculo, mas revelam, como a das conchas e a das flores, as fôrças vivas do trabalho criador. Não é a multiplicidade das vozes numa fuga que a torna sublime: é a nobreza de cada uma, a sua personalidade, os novos efeitos a cada nova aparição, a ligação de tôdas, o sentimento de perfeita unidade do conjunto. Se o espírito clássico conduz à melhor realização pelo gôsto da ordem, as formas são modeladas de dentro para fora pelo movimento íntimo. Bach é a poesia, a sensibilidade e a paixão. A música desceu em espiritualidade de Bach e Beethoven e de Beethoven a Wagner — em paixão também.

Não esqueçamos que uma obra de arte não pode impressionar-nos plenamente se não vivemos em simpatia com a concepção espiritual donde saíu. A robustez, a unidade de Bach residem na sua fé simples e íntegra. É ela que funde numa obra de uma só peça — a «Paixão segundo S. Mateus» — a acção litúrgica, o mistério popular e o oratório. Um sentimento de grandeza, um sentimento de ternura, que se apodera de nós desde o prólogo em que a Filha do Sião congrega o côro dilacerante da turba no caminho da cruz.

O fundo da obra é a narração do Evangelista. A sóbria, pungente prosa musical, sustentada pelo órgão, anima-se maravilhosamente nos grandes momentos, interrompe-se aqui e além para dar a palavra aos personagens: a Jesus — e as suas palavras vêm circundadas pelas sonoridades claras do quarteto de arco; aos homens — a Pilatos, ao Sumo Pontífice, a Pedro, a Judas — mas a estes acompanha-os o órgão, confidente da condição humana. Outras vezes é a multidão que irrompe na poderosa brevidade dos coros. E agora e logo uma voz se ergue, ou um coral, a exprimir a angústia do lance, comentário e meditação, grito e desafôgo de alma, acto de adoração,

de arrependimento e de amor. Tôda a obra está cheia de arrependimentos. Quási ao princípio, Maria de Betânia derrama o seu vaso de alabastro e o perfume do nardo puro muito precioso enche a obra inteira. Mais longe será o chôro de S. Pedro, o remorso de Judas. Da primeira à última nota, ouve-se o lamento da alma humana sôbre a sua fragilidade, mas também o canto da firme confiança, como na frase de suprema dignidade em que Jesus pronuncia as palavras capitais da Ceia. Que delicadeza, que trasbordar de ternura no recitativo que responde à pergunta de Pilatos — «Pois que mal fêz?» — com a enumeração das boas obras de Jesus! A amorosa insistência dum coral que, repetido com palavras diferentes, cinco vezes nos traz à contemplação a Figura ferida e ultrajada! Mas a idea mais bela é a de fazer surgir o brado do misterioso abandôno — «Eli, Eli, lamma sabacthani?» — sôbre a escura sonoridade do órgão, companheiro das palavras humanas, desnudo agora do quarteto de corda que aureolava as palavras do Filho de Deus.

Por mim julgo que quem uma vez amou esta obra, teve por somenos tôdas as suas outras emoções musicais. Saindo, por exemplo, da audição da Nona Sinfonia, o ouvinte não pode fugir a um sentimento de opressão. Sentimo-nos irmãos daquele quarteto de vozes, comovente no desencadear da imensa tempestade de alegria como um grupo de náufragos. Há qualquer cousa de esmagador, de desproporcionado com a nossa pobre natureza ao abandôno. — A «Paixão segundo S. Mateus» não é menor, todavia é feita à nossa medida. Uma cousa de nada, um pormenor, um grito de mulher, vai-nos direito ao coração e a nossa pequenez sente-se amparada, integrada numa ordem divina, apaziguada por uma mensagem de graça na comunhão de todos os sêres que enchem os céus.

«Dorme em paz.  
Dorme sôbre o peito de teu Pai.»

E o dulcíssimo canto descia sôbre o corpo quebrado do Salvador como sôbre uma criança adormecida. Acabava o concêrto à mesma hora a que uma grande pedra fôra posta à entrada do sepulcro. Um perfume de nardo puro muito precioso enchia a sala tôda. Ergueu-se o auditório sem um aplauso, desceu em silêncio a escadaria e dispersou-se na bruma.

CARLOS RAMOS.

## CARLOS RAMOS

**D**ISSOLVERA-SE-LHE pouco-a-pouco a ironia em piedade generosa e simpatia humana. Experiência amarga da vida — travor inevitável quando o cérebro é penetrante e a sensibilidade aguda — atenuara o primitivo arranque, deixando apenas, firme, o ouro sem liga do carácter, que, não velado agora pela vivacidade, pela vibração aparente, surgia, a cada momento difícil, com sua rigidez cristalina e transparência perfeita.

De comêço, como se viesse ao encontro do seu aprumo tranqüilo, o inesperado, a aventura, a guerra, que o leva ao aprendizado das armas. A revolta monárquica do Pôrto torna-o suspeito. Não colaborara, mas somente circunstâncias a que era estranho o impediram de fazê-lo, sem de leve o impedirem de mostrar que o teria feito sem hesitação. Visitei-o na Trafaria, prêso, descuidoso, sorridente, a assinar requerimentos de altivo desdém e redacção arguta, que importunavam um ministério desejoso de salvaguardar a aparência de legalidade. Julgávamos nessa altura que para além da violência já sofrida, só uma era possível: a luta aberta. Ignorávamos a possibilidade da combustão lenta em larga escala, depressora do carácter e que, pela ausência de chama, cìnicamente afirma a inexistência de vítimas.

Entra na leva de presos para a Ilha da Madeira. Com pequeno grupo evade-se, e aproa à liberdade nas Canárias. Encerrara-se — talvez infelizmente — o ciclo aventuroso da vida, página de encantadora incerteza para quem sabe quanto a vida há-de conter incerto para ser bem vivida; para quem só pode amar o repouso como intimidade profunda com a natureza ou com o pensamento. Com o pensamento — e basta — porque a superior contemplação da natureza é uma forma de pensar.

Momento de crise, em alma generosa, o da separação definitiva do dever e do inédito! É preciso renunciar ao que se amara, ao que fôra prodigioso encantamento do «rapsódico na vida», na frase de Schumann, por êle citada. Amara o movimento, projecção permanente da essência estética do seu espírito; e em vez de sonhar, como tanto filisteu medíocre, revelar-se artista a público de nível dúbio, vivia plenamente a vida no mais alto sentido estético: elegância permanente da acção, desdém do que não fôsse belo, amor à beleza realizada pelos grandes; e sabendo desprezar o que não vale a pena, aprendera ou adivinhara muito cedo que raras cousas valem a pena. Isso o velava, o escondia, o interiorizava, porque nem no domínio do simples convívio transigia em atraíçoar — insignificamente embora — o pensamento

próprio. O silêncio é neste caso forma leal de caridade, índice iniludível de indiferença. Não fôra em vão que os «companheiros de David» lhe mereceram carinhosa lembrança; é necessário que o filisteu exista; êle tem no mundo o seu papel, quasi diríamos sua missão; mas o entusiasmo decididamente se volta para o combate ao filisteu.

¿Que faz o espírito, obrigado a depor as armas, chegada a hora da renúncia — que por tantas vias chega e tão multimoda se exprime — senão concentrar tôda a fôrça e pairar sôbre a luta, acompanhando os defensores da sua fé?

Na verdade — dizia-me êle um dia — só duas espécies de cousas têm interêsse na vida: as lógicas e as estéticas.

O dever é muita vez tranqüilo, morno, sem sobressalto nem brilho, obscuro e forte. O amor ao dever é então renúncia e beleza. Nem sempre o estoicismo é significado último de essa firmeza; nos espíritos de inquieta aspiração é entusiasmo introvertido. Nada na vida merece a luta ou a aspiração, excepto a beleza, no próprio espírito criada e alimentada; e nada mais grato do que a ressonância discreta e íntima de outros pouquíssimos espíritos a quem é possível revelarmo-nos, com quem o nosso sonho silenciosamente se irmana. Então procura-se o eco amigo que ilumina a treva exterior; e só isso importa. E como a renúncia não era estóica, também o apagar-se voluntário não é modéstia. Êle não crê na modéstia. É evidente que tem razão.

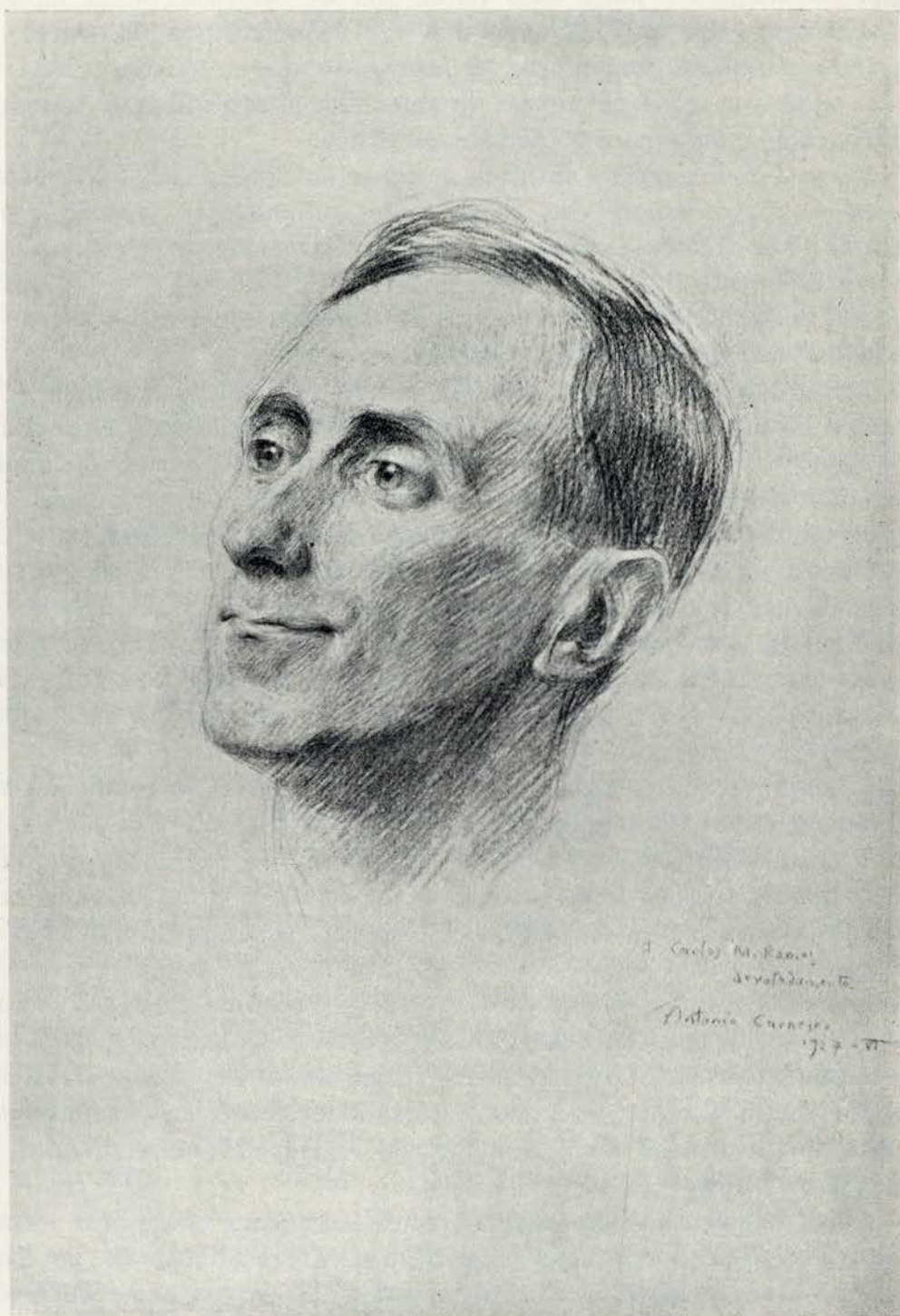
«Sempre pronto — dizia-me em carta — a aplaudir o triunfo do *mais apto*, não me canso de admirar estas belezas do *struggle*: a diplomacia e o terror, o champanhe aos jornalistas, o cacete, e, última novidade — dizem-me — a recomendação pelos bancos. Mas o mais curioso é que, uma vez feito o «trabalhinho», são êles os primeiros a crer na genuinidade da sua glória. Não é tocante?

Isto não impede, claro, que a modéstia seja de tôdas as virtudes humanas a mais antipática; a falsa modéstia e até a verdadeira, se existisse.»

A antipatia das virtudes! As virtudes de cartilha, ainda quando a convenção viesse a tornar-se hábito e sinceridade, eram de pequena monta para o requinte calado da sua exigência. Desvalorizara o prémio; não poderia ambicioná-lo.

Amor à sombra e ao silêncio, ainda elegância e aprumo. Rira a princípio da multidão engalfinhada e sôfrega, às rebatinhas de um cobre puído, esmola de miséria, caricatura de glória, farça repugnante de mando. Já se afastara da janela. O espectáculo, de repetido, enjoava; de analisado, apiedava e deprimia.

O convívio, a liberdade! E aproxima-se dos espíritos fraternos pela inquietação e pela dúvida, condições da esperança, base verdadeira da fé: Schumann, o exaltado, que êle estuda e penetra carinhosamente em livro excepcional de vivacidade, porventura superestimando-o, mas entretecendo



CARLOS RAMOS

(Desenho de António Carneiro).

finamente a vida do homem, a febre do artista, a veemência do amoroso e até o delírio do louco, em tão subtil urdidura, que todo o livro se percorre na maravilhosa indecisão de um claro-escuro de onde emerge um fantasma — a figura indecisa do seu herói —; António Feijó, o admirável artista, o extraordinário poeta de vida trágica e ironia dolorosa, acompanhado na voluta da sua graça, na tortura da sua mágoa, no pudor da sua tragédia e no esplendor da sua arte, pelo mesmo carinho evocador, de vaga subtileza penetrantíssima, que modelara o Roberto Schumann. E sei que ultimamente o enlevava a evocação, excitadora da sua finura de intérprete, da figura complexa de Dante Alighieri e da doce figura ascética de Fr. Agostinho da Cruz, o místico da Arrábida.

Porque o misticismo é pôrto seguro, praia onde se desenvolve sem quebrar-se a onda alta que na vida embateria no rochedo e seria tormenta e fúria. Nêle pode restaurar-se o amor à acção, sem quebra da tranquillidade, a renúncia calma e forte sem a máscara da modéstia, a exaltação do pensamento sem a transigência da mundanidade. Nem eu digo que o misticismo seja apenas isto; mas que por êste aspecto o misticismo poderia atrair um homem para quem a elegância moral era suprema razão, que amara o combate e nunca desertaria se o fim valesse o esforço, que praticava em silêncio as virtudes que formam o combativo, e por tudo isto via resolver-se em atitude clara a própria dúvida nascida no turbilhão do pensamento.

E terão sido os espíritos fraternos aquilo sòmente que êle buscou?

Viamo-nos com largos intervalos, escrevíamos com longa intermitência. Dificilmente se formaria, no rápido e raro encontro, a atmosfera propícia ao tema da esperança, da tentativa ou da desilusão. Cada um de nós, quando muito, só falava do outro e muito breve. Mas não esqueci nunca a citação pungente, serena, delicadíssima, que êle incrustou numa carta:

« par délicatesse  
j'ai manqué ma vie. »

Ainda quando eu soubesse, minuciosamente, qual a vida polarizadora e ambicionada, nunca o diria, ao falar, com tal constrangimento que é quasi remorso, de alguém, que por delicadeza de sensibilidade era capaz de tudo sacrificar. Só quis mostrar o sentido trágico dos espíritos de eleição, o subsolo amargo que tanta vez aflora e destrói quanto êles poderiam cultivar com amor.

Com o ar simples de aceitar o que êle próprio construía, dir-se-ia resignação o que era oculta heroicidade, a tal ponto a sua delicadeza repugnava quanto fôsse espectacular ou estridente. A própria crítica, reacção da intensidade da sua sensibilidade extrema às formas de arte, se fazia em voz baixa; e também aqui pareceria timidez o que era indulgência e bondade.

Lançara-se na fé, como em abismo redentor. A palavra pode parecer ousada; a idea é perfeitamente clara. «Para haver alegria sublime é indispensável terror atroz». Assim escreveu de certa alegria extática dos santos Leão Chestov, a-propósito-de quem C. Ramos, após a leitura da *Luta contra as evidências*, me dizia: — «isto soa de outra maneira». Por grande que seja a esperança do pescador que se arroja ao mar, o que êle *sabe* é que pode morrer. O «salto no desconhecido», a «aposta» de Pascal têm sentido psicológico mais profundo e vasto do que parece ao pseudo-racionalismo superficial. Nada como a visão trágica e estética da vida, nada como a dúvida, para na sua confluência arrancarem a centelha da fé. E embora assim seja, eu não o diria neste caso, se algumas palavras, algumas atitudes não me autorizassem a seguir esta interpretação. Para almas vulgares duvidar é desgraça; para almas de boa têmpera, duvidar é, primeiro, condição de livre exercício de inteligência; e além de isso, condição necessária do heroísmo.

Vi-o, pela última vez, no quarto do hospital, com o aspecto e a esperança de quem vai a caminho da cura. E saí confiado. Agora, depois de esta surpresa eterna que a morte continua a ser para a alma humana, escrevo penosamente estas linhas, que são duríssimo dever. A estima que por todos os motivos eu lhe tributava, a sua amizade profunda e sólida, eram-me ponto de referência nesta vaga estrada onde já vejo algumas cruces. Não é homenagem. Como detestariam a palavra e o acto a sua delicadeza e a sua superioridade! Êle nunca pensou em ser modelo ou exemplo. A sua lição foi alta, mas só a raríssimos aproveita. Ê que pertenceu àquela dinastia obscura de espíritos superiores, cuja preocupação é elevar-se acima do inútil ridículo da vaidade, viver intensamente a própria vida, e... passar.

Lisboa, 6-1940.

VIEIRA DE ALMEIDA.





## O CAMINHO DO PENSAMENTO

.....  
.....  
.....

**P**ENSAR, crer — o acto sagrado da alma! Por entre os ruídos do mundo (e os ruídos, hoje, multiplica-os a ciência nos seus mais retumbantes prodígios), por entre os ruídos do mundo, perdemos a possibilidade de ouvir a voz que protesta dentro de nós, a única que tem razão, a única que ensina a esperar, a confiar. Criemos o ambiente necessário para a labuta do pensamento. A realidade é fio luminoso, é a reticência entre o céu e a terra. Só vivemos, na verdade, quando o nosso desejo mais puro faz vibrar o fio de luz; só vivemos, quando a ternura do amor nos deixa entrever a palpitação, lá em cima; a vida só a sentimos nas clareiras de milagre, quando a emoção aquece o fundo ignorado da nossa alma. Vida é clarão, é pulsar generoso,



CARLOS RAMOS

(Desenho de António Lino).

consciente. Não podemos chamar vida à desconfiança, ao egoísmo, à agressão, à indiferença estagnada.

Vida é princípio da eternidade. Quem ousaria pensar na eternidade dos momentos inferiores, inúteis? Côres negativas, somem-se na escuridão donde nascem. A câmara divina não tem receptividade para tons mortos.

Viver é saber preparar o encontro com Deus—é alargar, cavar o pensamento—é dar ao instante fugidio o desejo da Eternidade. Vida que não anseia, não deseja, é letargia; vida que nada pede às estrêlas, não chega a ser vida.

Viver é saber preparar o encontro com Deus. A vida de Carlos Manuel Ramos é a obra perfeita do pensamento.

Rápida, fulgurante, essa vida impõe-se-nos como catedral, onde cada pedra tem facetas de emocionante significado. Aos 25 anos, artista devorado pela ânsia da perfeição, escala os céus da música, prescruta os mistérios da Arte.

Depois, depois, a sua saüdade sublima-se, purifica-se. Começa com Schumann, Beethoven e Bach; homem feito, deslumbra-o Dante; passa a escutá-lo, e, sempre ao longo da linha do Pensamento, até ao fim, termina simbòlicamente o seu vôo na contemplação amorosa de Frei Agostinho da Cruz. Êsse caminho grave, austero, tam espantosamente austero, ninguém o seguiu com mais nobre e inteligente galhardia, com mais puro e desinteressado heroísmo do que o Dr. Carlos Manuel Ramos. Bemaventurado, êle, que soube tornar nas mãos firmes de Português e soldado a própria vida, e dela fazer a sua obra mais artisticamente ilustrada, mais bela, mais completa.

Ergamos os olhos, meditemos na grande lição. Carlos Manuel Ramos não morreu. Vive, ensina. Esqueçamos como a terra é negra e os homens se perdem... triste e frivolamente.

MARIA HENRIQUES OSSWALD, F. I. L.

## JOÃO PAULO RICHTER

**J**OÃO PAULO é o Rei da Sensibilidade, portanto o Rei do Humor. O humor de João Paulo é o dum Ciclope que brinca com os astros, como com cousas sem valor. Entusiasta errante, caminha não de cidade em cidade — de mundo em mundo.

Rindo como um gigante, escala a Via-Láctea, salta de Planeta em Planeta, debruça-se sôbre os abismos dos Cosmos. Mas, de-repente, se lhe abre sob os pés um alçapão do firmamento e ei-lo precipitado, através dos espaços, no seu casebre de Filósofo, sorrindo aos odores do frugal jantar que sua boa mulher lhe cozinha. Das sidérias peregrinações uma certeza trouxe: que o mundo é habitado por um Deus. E esta certeza o guia em tôda a sua obra como uma coluna de fogo. Nas suas mãos colossais, as pequenas dores e os pequenos amores dos Homens inflamam-se nativamente duma luz de Eternidade. A alma é imortal! A alma é imortal!

Luz divina que rasga a cerração do seu tenebroso Caos! Essa alegria ninguém lha tira e êle a celebra com salvas de exclamações e prodigiosas luminárias de metáforas. As imagens de João Paulo são, às miríades, gotas de sabedoria reflectindo ilimitados panoramas. Nas suas novelas, uma Imaginação de oriental leva-nos de surpresa em surpresa através de embróglis fosforescentes. São rapsódias em que mil personagens interiores tomam a palavra, sucessiva, simultâneamente, entrecortando as suas perorações numa polifonia babilónica. Flora ultra-exuberante, ultra-mascarada, aflitiva — mas em cada cálice, na axila de cada fôlha um orvalhozito luciolando epigramáticos relances. Monstruoso, incongruente, um Caos — mas reflexos do Infinito dançam, como brancas borboletas nocturnas, em inextricáveis arabescos de alegria.

1922.

CARLOS MANUEL RAMOS.

## AO DR. CARLOS MANUEL RAMOS <sup>(1)</sup>

A. M. D. G.

Braga, Instituto de Filosofia  
18 de Maio de 1936

*Meu muito querido Amigo:*

**A**INDA a saborear a surpresa da sua visita, vim nesse mesmo dia encontrar sobre a minha mesa outra surpresa: a do seu livro. E tê-lo emprestado primeiro a um Professor e dois Irmãos e, depois, uma prova de Filosofia a preparar (prestada hoje mesmo), só agora consentem que lhe traga o meu enternecido abraço.

Como crítico, nada lhe posso dizer, porque bem sabe que tudo em mim falha nesse sentido.

Como Religioso, porém, foram muitas as impressões sugeridas por essa leitura e, como tal, julgo não lhe será aborrecido o despretencioso abrir do meu coração.

Uma das razões porque se me tornou aliciante o caso António Feijó foi encontrar nêle, em fusão harmónica, qualidades e circunstâncias que, dispersas, hei-de topar, pela vida fora, no meu procurar de almas.

Logo de entrada, aquela cidade pervertida, que Baudelaire e Feijó olharam, que todos nós olhamos, não é, para o Religioso, mais que a cidade imensa entenebrecida pelo chamado "espírito do mundo". Para uns: — meio ambiente: nela são nados e dela se engordam; noutros, mera tentação; finalmente, os raros do repúdio instintivo. É ante ela que melhor se explica, firma, reduz à unidade, toda a vida do Religioso Jesuíta: luta dentro da cidade contra a cidade. O exaustivo da vigilante higiene própria, no meio do lodaçal, torna-se Cruz, mas, como toda a que participa da morte do Calvário, muda-se em torrente de vida: impulso para a libertação dos primeiros, leme a orientar os segundos, caridade que acalenta os raros e lhes acomoda ninho fôfo de que não apeteça bater de novo as asas...

Nem se pense que possa desinteressar ou então assustar-nos a atitude tomada por Feijó: o seu primeiro momento, com ser mais límpido, mais

---

(1) Esta carta faz parte do volume de Cartas do Rev. Dr. Luiz Moreira de Sá e Costa, S. J., que será publicado no corrente mês.

nobre que o de Baudelaire, não é ainda, certamente, o dum Perfeito, mas quão prenhe já de esperanças, na descrença tão funda da materialidade, na recusa íntima e clamorosa de se atolar por mais tempo... No nosso dia-a-dia também não são mortes, mas eclipses que havemos de encontrar. Percebermos as promessas fartas, embora escondidas, e darmos o empurrãozinho aos astros para se reabraçarem no concêrto divino!...

Também é sua, afinal, esta missão. Longe, de anos a fio; apenas, muitas vezes, martírio de oração e paciência, enquanto êles vão sugando os mil perfumes que se entornam pela amplidão...

Mas neste debruçar-me sôbre a alma de Feijó, à claridade da Luz em que o meu Amigo banha todos os seus passos, matéria de sobra para a confiança: a decepção amorosa, clamando que elas não mereciam tanto; a dor da natureza a acordar-lhe a amargura de dentro, gêmea da outra; a dúvida moral aferroada à dúvida metafísica; o desafôgo das viagens sulcado pelos travos da saúde, do exílio; o abismar-se no silêncio após o fluir e refluir das grandes emoções, e até o desengano da própria Beleza no momento em que a suspeitou máscara do Nada, — quantos lanços na ascensão, quási inconsciente, dessa mesma Beleza, quantas estações da Via-Crucis em que a alma se depura, alivia e dispõe...

Nêle, o místico nunca terá chegado a cobrir vitoriosamente o profano; as cegueiras do instinto, por mais que se hajam chegado ao Sol, não se terão liberto de todo de obscuridades... Mas, certo é que a ingênita avidez de Beleza, alçando-o às regiões serenas, o foi emancipando lentamente da escravidão da terra e cravando-lhe cada vez mais fundo o segrêdo de perpétua juventude: frescura de oásis a encastrar-se no deserto requeimado. E a gente fica-se a pensar noutro beijo inteiramente lustral, que um dia acabasse de prender-lhe os lábios à Fonte da Vida...

Mas... cá estou eu em estilo de sermão. Começando, não sei parar. Queria tocar outros pontos. Para outra vez será.

Não tenho aqui o trabalho. Lembro-me, porém, que muito me entusiasmou o seu saber "de experiências feito", a análise equilibrada e perspicaz de tudo que lhe cai entre mãos. Impressionou-me, sobretudo, ter achado o segrêdo de dar o intenso, a pujança, duma maneira tão serena, linguagem tão ajustada. Fartos de imagens descabeladas, e da palavra mudada em palavrão, é delícia termos onde o espírito se estire complacente. Lembro-me que a certa altura me fiquei a saborear o escandaloso dum portanto que surge nas suas páginas: "fé no homem, portanto desprezo pelos homens".. Dá para meditação.

E por hoje — um abraço. Mais uma vez mil agradecimentos. Ora pro me.

Seu muito dedicado in C. J.

LUIZ MOREIRA DE SÁ E COSTA, S. J.

# FREI AGOSTINHO DA CRUZ

(MUDANÇA DE VIDA)

**T**RÊS ou quatro dias antes da comemoração do IV centenário do nascimento de Frei Agostinho da Cruz, pediu-me o Dr. Aarão de Lacerda uma conferência sobre o poeta da Arrábida.

O espaço de tempo concedido era insuficiente, mas é tal o carinho daquele ilustre Professor pelos Estudos Portugueses, é tal a sua amabilidade, que me foi impossível pronunciar um *não* — palavra aliás da minha especial antipatia.

Os elementos para a tarefa foram, como é natural, reunidos à-pressa, e agora tratei de reduzir a escrito uma parte, destinada à Revista *Prisma*.

Ao principiar a conferência, pronunciei algumas palavras em louvor de Carlos Ramos, carácter firme, crítico de raça e amigo certo, por êle me ter dito, meses antes de recolher à eterna morada, que estava reunindo elementos para um estudo sobre Frei Agostinho da Cruz.

Não deve, portanto, sentir-se deslocado êste trabalho num número de homenagem àquele que podia ter sido o mais perfeito comentador das obras do místico limiano. É lamentável apenas que seja tam mesquinho o meu tributo.



Agostinho Pimenta nasceu em 3 de Maio de 1540, e aos 14 anos foi *acomodado* em casa de D. Duarte, neto de D. Manuel, aonde acudiam os fidalgos mais bem instruídos daquele tempo (1). Entre estes tem de citar-se D. Álvaro, Duque de Aveiro, senhor da quinta de Azeitão, padroeiro do convento da Arrábida e casado com D. Isabel de Bragança (2).

Nesse meio culto começou a sobressair Agostinho Pimenta, concorrendo para isso os seus versos de amor profano, que êle ia cantando «importunado da mocidade cega a quem seguia» (3).

---

(1) José Caetano de Mesquita e Quadros, *Vida do Venerável Padre Frei Agostinho da Cruz*, pág. 4—Lisboa, 1793.

(2) Filha de D. Jaime, Duque de Bragança. Dêste casamento nasceu D. Jorge, Marquês de Tôrres Novas.

(3) *Obras* de Frei Agostinho da Cruz, pág. 57. (Soneto *A quem ler*) — Coimbra, 1918.

Em 3 de Maio de 1560 começou o noviciado no convento de Santa Cruz de Sintra e um ano depois vestia o hábito de capuchinho, tomando o nome de Frei Agostinho da Cruz.

*Nasceu e renasceu* no dia de Santa Cruz, escreve êle (1).

O *renascimento* ou *conversão*, como o místico classifica também a sua mudança, não significa, porém, o abraçar de um novo credo religioso, mas sim o desprendimento cada vez mais persistente da vida transitória, uma subida trabalhosa para o céu por meio da penitência e das preces:

« Vamos ver da serra  
Do monte deserto  
O Ceo de mais perto,  
De mais longe a terra » (2).

Agostinho Pimenta não podia *converter-se*, no sentido vulgar da palavra, pois foi educado na *lei* dos seus antepassados, e as suas crenças foram-se robustecendo: a fé andava intimamente ligada ao brio patriótico no espírito dos poetas quinhentistas.

Gil Vicente dá-nos o *Auto da Alma* e deixa no de *Mofina Mendes* a paráfrase admirável da *Ave-Maria*:

« Oh! Deus te salve, Maria,  
Cheia de graça, graciosa,  
Dos pecadores abrigo . . . »

Sá de Miranda, obscuro e pouco elegante por vezes nas suas *cartas*, sente-se arrebatado na *Canção a Nossa Senhora*, parecendo "estar fora de si, sem dar tino de nada exterior e terreno", (3):

« Virgem *fermosa*, que achaste a graça  
Perdida antes por Eva, onde não chega  
O fraco entendimento, chegue a fé.

(1)

« *Nasci e renasci* na casa em dia  
De Santa Cruz, da Cruz o nome tenho.

(Epigrama. *Obras cit.*, pág. 335).

« Eu por dia nasci de Santa Cruz,  
Em Santa Cruz troquei o pobre fato;  
Nela sem êle foi pôsto Jesus,  
Em cujo nó de amor tudo desato ».

(Écloga IX. *Obras cit.*, pág. 70).

(2) *Endechas*. *Obras cit.*, pág. 165.

(3) Frase de Mesquita e Quadros ao descrever os arroubos do místico — *Vida de Frei Agostinho da Cruz*, cit., pág. 28.

Coitada desta nossa vista cega  
 Que anda apalpando pela névoa baça  
 E busca o que ante si tendo não vê.»

António Ferreira, o autor do poema *Santa Comba*, sucumbido perante a morte da mulher, anseia por ver a alma liberta:

« Quem te detém nesta prisão dura?  
 Não viste a clara luz, a santa guia  
 Que te lá chama à verdadeira via? »

Pedro de Andrade Caminha, correcto, mas pouco inspirado, perde a secura ao conceber o soneto *À Virgem Santíssima Nossa Senhora*:

« Virgem e Mãe de Deus, quem tanto atina  
 Que saiba em vós falar? Quem mais levanta  
 A vós o entendimento, mais se espanta,  
 E perde a luz em vossa luz divina. »

Diogo Bernardes, que escreveu a *Santa Úrsula* e as *Rimas ao Bom Jesus*, mostra-se bem irmão de Frei Agostinho no soneto «*Tôrres Fundadas no Vento*»:

« Oh cegueira tamanha! Oh desventura!  
 Por um pequeno bem que desfalece  
 Aventurar um bem que sempre dura! »

Fernám Álvares do Oriente deixa-se enlevar, na sua feição bucólica e cavalheiresca, pela pureza e pela graça de Maria:

« Virgem de mil graças chea,  
 Co' Senhor por graça unida,  
 Sois luz que o Ceo formosea,  
 Em vós tem certa guarida  
 A vida que mais recea. »

E Luiz de Camões, tam aferrado ao mundo, tam condescendente para todos aquêles que pecam por amor, procurava libertar-se do cativeiro onde o retinham os sentidos.

De Ceuta, escrevia já, e num estilo bem vicentino:

« Mundo, se te conhecemos,  
 Porque tanto desejamos  
 Teus enganos?  
 E, se assim te queremos,  
 Mui sem causa nos queixamos  
 De teus danos.

. . . . .



Emfim, Mundo, és estalagem  
 Em que pousam nossas vidas  
 De corrida;  
 De ti levam de passagem  
 Ser bem ou mal recebidas  
 Na outra vida.»

Mas a experiência, os desenganos, a ligeireza dos prazeres terrenos e a meditação sôbre os textos sagrados elevam-no, na poesia religiosa, até regiões onde só costumam pairar os místicos eleitos, como se vê das redondilhas *Sôbolos rios que vão*:

« Fique logo pendurada  
 A fruta com que tangi,  
 Ó Hierusalem sagrada,  
 E tome a lyra dourada  
 Para só cantar de ti.  
 . . . . .  
 Ditoso quem se partir  
 Para ti, terra excelente,  
 Tão justo e tão penitente,  
 Que, depois de a ti subir,  
 Lá descanse eternamente.»

Na mesma época viveram prosadores como Frei Tomé de Jesus, o cativo de Alcácer, que rejeitou o resgate para cuidar dos seus irmãos de cativeiro, mostrando-lhes como os nossos sofrimentos não devem acabrunhar-nos desde que meditemos sôbre os *Trabalhos de Jesus*.

Essa atmosfera, para mim, tem maior importância, quando se trata de explicar a renúncia de Agostinho Pimenta, do que a "*decepção amorosa*," a "*lança do amor e a lança da difamação*," para onde nos levam as conjecturas de Hemetério Arantes nas "*Notas à margem duma História dos Quinhentistas*," e Delfim Guimarães na "*História da Literatura Portuguesa Ilustrada*,".

O misticismo existia, embora passasse mais ou menos despercebido, e as desilusões. — Quem as não amarga nesta vida? — apenas concorreram para apurar uma disposição natural, não podendo esquecer-se também a influência exercida por Frei Jácome Peregrino, o *Tio* <sup>(1)</sup>, freqüentador assíduo da casa da Infanta Dona Isabel <sup>(2)</sup>.

(1) Assim designado para o diferenciar de outro com o mesmo nome, e que era seu sobrinho.

(2) Mesquita e Quadros — *Vida cit.*, pág. 8.

Poderia ter havido uma «decepção amorosa»?

Naturalmente, mas não bastam as conjecturas; é indispensável documentá-las, e os documentos falham.

É sempre perigoso identificar as personagens e as situações bucólicas e, nessa tarefa, têm-se praticado leviandades imperdoáveis.

Nas obras de Frei Agostinho da Cruz há contudo referências transparentes à sua vida.

Na *Écloga II* (1) o pastor Flávio descreve-nos Agostinho Pimenta, sob o disfarce de *Limabeu*, no ano do Noviciado:

« Dos pés até á cabeça anda coberto  
De laã de alheas cabras, remendado  
De mil cores, sem ordem, sem concerto.

Traz hum corda grossa, a que anda atado  
Pelo meio, descalço, sem mais nada;  
Sem bolsa, sem surrão, e sem cajado.

.....

Os pés se por compasso pôr não cura,  
Quer gretados de frio, quer doentes,  
Tambem nelles lhe põem hum atadura.

Não póde responder aos mal dizentes,  
Nem dar razão de sí, que se boqueja  
Atravessado leva hum pao nos dentes.

Os olhos se alevanta, ou pestaneja,  
Nem inda para quem falla com elle,  
Hum panno lhe põem nelles que (2) não veja.

Hum principal de seis nas costas delle  
De tal maneira faz soar as varas,  
Que não lhe queiras tu fazer na pelle.»

.....

Se a identificação não ficasse perfeita, vinha completá-la a resposta do pastor *Míncio*:

« Basta, não digas mais: esse caminho  
Bem sei adonde vai, e donde para:  
O bom do Limabeu he Capuchinho.

(1) *Obras cit.*, pág. 24.

(2) Para que.

Ah! Limabeu, Limabeu! quem cuidara  
Que do meio de tantas vaidades  
O Senhor para ti só te chamara!»

Sublinho o último verso muito de propósito, pois vem auxiliar a minha tese — o chamamento de Deus para quem se sentia “*neste degredo, desterrado da (sua) em terra alheia*”.

Mas Flávio <sup>(1)</sup> tinha-nos esclarecido sobre o motivo por que trazia “*mudada a côr, mudado o rosto*”:

« Bem sabes que na vida mais não tinha  
Para me consolar que hum só amigo,  
Tão verdadeiro amigo d'alma minha.

Este depois que não pôde consigo  
Levar-me, por meu mal tão mal sentido,  
Fugindo foi de mim como de imigo.

Disseram-me que estava cá recolhido  
Junto do mar Oceano numa serra,  
Dum novo, não sei qual, amor ferido.»

Era muito cómodo interpretar assim: Limabeu, ferido de um amor profano, viu-se logrado na sua paixão. Desiludido, deixa-se arrastar por um novo amor — o amor divino.

Mas a comodidade é traiçoeira: leva-nos a admitir, sem exame, os maiores contrasensos.

O que se depreende dos versos transcritos é que entre Míncio e Limabeu havia um sentimento de amizade profunda, mas que este, chamado por Deus, se deixou dominar por outro amor mais alto.

O primeiro amor era o amor pelo amigo, o amor pelas cousas terrenas; o segundo, o amor pela verdade eterna, por Jesus.

Além disso, se esta interpretação é discutível, lembro que novo pode não significar *outro*, *segundo*, mas sim *recente*, de que não havia grande notícia, e acrescento grande, porque se desconhecia antes a exaltação religiosa de Limabeu, embora estivesse latente. Uma edição de novo estampada podia não significar que tivesse havido uma edição anterior, mas sim que era tirada de fresco <sup>(2)</sup>.

Diogo Bernardes, no *Lyma* <sup>(3)</sup>, mostra-se sentido com o irmão pelo

(1) Representará Diogo Bernardes?

(2) Vid. D. Carolina M. de Vasconcelos, *Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão*, Obras, vol. I, pág. 66.

(3) Carta a Frei Agostinho da Cruz, quando tomou o hábito, no *Lyma*, pág. 147 (Lisboa 1820).

facto de êle, imerecidamente, lhe encobrir o *pensamento bom* de se ter *apartado do mundo*:

« De mim (sendo outro tu) fizeste estranho:  
Temeste que enfriasse o *novo fogo*  
Em que se converteu *outro*, em que ardeste,  
De que também soubeste fazer jôgo [?] »

Quere dizer: assim como Agostinho Pimenta *fizera jôgo* de um amor sob cujo domínio andara, recearia que Diogo Bernardes, com as suas palavras, pudesse dissuadi-lo de enveredar pelo caminho da vida religiosa.

{ Mas qual seria o amor de que fizera jôgo, brinco, escárnio ou zombaria, Agostinho Pimenta?

Amor por uma mulher evidentemente que não, pois, no caso da discutida "*decepção amorosa*„, a mulher amada é que teria *feito jôgo* dêle.

É verdade que, desta vez, não se pode negar a existência de dois amores; houve um *novo fogo* em que se converteu outro, que, podia ser o do mundo, onde se salientara Limabeu:

« Bem sabes quanto ri, quanto folguei  
De cantar, e tanger; que graça tinha,  
Quantas apostas fiz, quantas ganhei;

Quantos fardeis enchia do que tinha  
Dentro no meu pombal, no meu poleiro;  
Enchia devagar, vasava asinha.

Tirava do curral, e do fumeiro  
Com gôsto pelo dar; donde chegava  
Pesado sempre fui, tornei ligeiro.

Não quero dizer mais do que mais dava;  
Do pago que me deu quem o levou;  
Se não foi avisar-me quanto errava » (1).

Riu, cantou, tangeu, era liberal, e a liberalidade teve mau pago, mas o aviso foi salutar, porque os pretensos amigos *lá se ficaram*, e êle, bem avisado então, obteve refúgio

« Numa Lapa, da qual o mar Oceano,  
Depois de a ter lavrada, se afastou. »

Mas o mais provável era tratar-se do amor entre os dois irmãos.

Escreve Diogo Bernardes, queixando-se por não ter sido avisado da resolução:

« De mim (*sendo outro tu*) fizeste estranho » (2).

(1) Écloga XII. *Obras cit.*, pág. 81.

(2) O *Lyma*, pág. 148.

## E Agostinho Pimenta defende-se:

« Culpas o meu amor, e dizes quanto  
Me tinhas, muito foy, não sei se diga  
Que tenho agora mais, sempre outro tanto.

A ley do Redemptor não desobriga  
A quem professou ser mais obrigado  
Daquillo que a razão humana obriga.

Se quiz que nosso imigo fosse amado,  
Como não quererá que nosso amigo  
Seja no mesmo amor avantajado (1)?»

Encontrariam alguns a causa amorosa na *Écloga XII*, de redacção confusa, em estilo por vezes gongórico, e que Mendes dos Remédios considera uma *confidência indecifrável* (2).

## Limabeu pergunta a Míncio (Diogo Bernardes):

« Mas primeiro que a voz do peito saia,  
Dize-me que se fêz de Limiana,  
Que chorando ficou ó pé da faia? »

## MÍNCIO

« Aquêlê mesmo dia da semana,  
Em que tu te partiste, se partiu,  
E partindo-se pôs fogo à choupana.

Finalmente que nunca mais se viu,  
Por mais que em tôda a parte se buscou,  
Nem sabemos adonde se sumiu. »

Depreende-se do intrincado entrecho que Limiana se vestiu sob o traje de *peregrino* e se entregou tôda a Deus na mesma serra onde vivia Limabeu, mas sem que êste a identificasse. Um soneto deixado por ela à hora da morte pôs fim ao mistério, e Limabeu, dando sepultura à morta, compôs o epitáfio que termina:

« De Lima naturais na Lapa Oceana  
Se enterrou Limabeu com Limiana. »

Limiana, o peregrino que seguiu Limabeu até à serra, não era evidentemente uma mulher. Talvez fôsse a personificação de tudo quanto ligava o

(1) *Obras cit.*, pág. 128.

(2) *Obras cit.*, pág. 50.

pastor à ribeira do Lima, donde viera *despedido* (1), onde sentira a primeira ingratidão (2) e de cuja *fermosura* (3) quisera apartar-se por completo.

O amor pela terra natal persiste encoberto, não pode apartar-se do poeta, aviva-se à medida que a morte se avizinha e sepulta-se com êle na *Lapa Oceana*.

Poderíamos ainda recorrer à *Écloga Piscatória XI* (4), onde Almirão, pelo facto de a sua pastora ter mostrado sinais *de lhe quebrar a fé*, vai de vale em vale até às águas oceanas.

Então esta,

«... depois que viu ser homicida  
Do seu firme, leal, primeiro amante,  
Dera nas mãos da tristeza a própria vida.»

Aqui já não segue para a Arrábida, disfarçada em peregrino.

Parecia, portanto, o problema resolvido, mas, esmiuçando bem, tudo se complica. O caso é assim contado:

« A mocidade minha me deteve  
No pasto das ovelhas, que guardei,  
Ora do sol curtido, ora da neve:

Onde por *muitas partes* que notei  
*Num pastor pouco atrás da minha idade*,  
Em pureza de amor me transformei.

A taes termos chegou nossa amizade,  
Que fizemos de dois hum só rebanho,  
E de duas tambem uma vontade.»

Quero ver aqui uma referência à amizade entre D. Duarte e Agostinho Pimenta e que foi quebrada por uma calúnia, como suponho.

(1) Soneto que serve de introdução ao *Lyma*.

(2) «Primeiro me queixei junto do Lima,  
Agora muito mais junto do Tejo.»

*Obras cit.*, pág. 100.

(3) «Eu vi do Ceo na terra a *fermosura*  
No vestido dum pobre peregrino  
Da terra para o Ceo voar segura,  
.....  
Por minha mão lhe dei a sepultura,  
Pela sua a levou amor divino;  
De Lima naturais na *Lapa Oceana*  
Se enterrou *Limabeu* com *Limiana*.»

(4) *Obras cit.*, pág. 79.

O caminho das confidências, embora transmitidas aos penedos, era perigoso:

« Mas eu a quem dou conta dêste estranho  
Caso, senão a vós, duros penedos,  
Que com lágrimas tristes triste banho? »

E então surge um desvio:

« O pastor, a pastora conhecidos  
Foram dos mais pastores naturais  
Por jurados, ou quási recebidos. »

Nisto ela parece *quebrar a fé* pelo facto de haver uma desigualdade nas condições; sofre depois uma desilusão e morre de tristeza pela injustiça infligida ao primeiro amante, e êste parte de vale em vale até às *águas oceanas*.

¿Teria o poeta recuado a meio do caminho para não contar a calúnia vinda do alto e em que falaremos adiante?

¿Ou teremos de ler "*hũa pastor*," em vez de "*hum pastor*," sendo a palavra *pastor* ali comum de dois?

Quer numa quer noutra hipótese nenhum elemento seguro nos autoriza a supor idênticos os casos de Almirão e o de Agostinho Pimenta.

É inútil prosseguir: debalde procuramos uma composição, uma frase, uma palavra, por onde se pudesse justificar a hipótese da "*doença de alma a que nenhum raro espírito pôde subtrair-se*," no dizer de Mendes dos Remédios.

As hipóteses podem ser muito sedutoras, e por elas tinha uma especial atracção o falecido Professor Teixeira Rêgo, que pretendeu desnortear-nos sôbre a autoria da "*Menina e Moça*," mas, se elas não têm alicerces, apandam e caem como castelos de cartas — espectáculo deplorável e deseducativo, porque o público passa a não ter respeito pelos historiadores e a considerá-los como romancistas de segunda ou terceira ordem.



Se não houve decepção amorosa, houve indubitavelmente injustiças:

« Movido de tão claro *desengano*,  
Desconfiado sim de nunca mais  
Tornar a confiar em peito humano.

Mas o que me faltou nos *naturaes*,  
No peito que busquei, ah! verdes plantas!  
Que tal ouvis contar, que não seccais!

O Senhor me quis dar além de tantas  
Graças numa alma só em terra alhea  
Nascida d'outras mais entranhas santas.

Por isso se esta minha aqui prantêa  
Com tão estranha dor, tão soltos gritos,  
He pela ver de tantas magoas chea » (1).

Essa alma única era o Duque de Aveiro, amigo e protector do eremita, pai de D. Jorge, que foi Marquês de Tôrres Novas. O nascimento dêste é festejado na Écloga Piscatória X, onde o Duque e a Duquesa figuram sob os nomes pastoris de Lauro e Liana.

A filha dos Duques, D. Mariana, que veio a ser religiosa, é carinhosamente acompanhada por Frei Agostinho da Cruz (2).

A elegia intitulada *Na tribulação de uma pessoa amiga* deve referir-se ao Duque, padroeiro e devoto do Convento da Arrábida (3).

Entre as pessoas ingratas para com Agostinho da Cruz não podemos contar também o orientador da sua infância, o seu *mestre*, o seu irmão mais velho, Diogo Bernardes (4).

Dá bem a idea dos laços que prendiam os dois poetas da ribeira do Lima a elegia dedicada por Frei Agostinho à morte do seu irmão :

« Lembra-me a tenra idade que passava,  
Logrando-me daquella companhia,  
A quem tanta brandura acompanhava.

.....  
Lembra-me quantas vezes succedia  
Das plantas, e das fontes convidados  
Acceitar sombras frescas, agoa fria.

*Eras além de irmão mais meu amigo,  
Por me veres do mundo despedido,  
Cujos males chorâr vinhas comigo » (5).*

Mas as injustiças existiam já antes da partida para Lisboa e vindas até de parentes :

« *Primeiro me queixei junto do Lima;  
Agora muito mais junto do Tejo.*

*Cruel me foi a minha propria terra  
Em que nasci; cruel e deshumano  
O sangue meu, que nella me fez guerra » (6).*

(1) *Obras cit.*, pág. 95.

(2) Vid. a elegia da pág. 304 e a carta da pág. 321.

(3) *Vida cit.*, pág. 18.

(4) *O Lyra*, pág. 153. Nas *Obras* de Frei Agostinho está a variante: *Ah! claro, e charo irmão...* Eram 12 irmãos; Agostinho Pimenta era o 11.º.

(5) *Obras cit.*, pág. 112.

(6) Elegia V. *Da Ingratidão*. *Obras cit.*, pág. 100.



Talvez partissem de alguns irmãos ou cunhados, pois que não achava maior perigo para se desembaraçar do mundo do que a ânsia de viver só com Diogo Bernardes, em cuja pessoa se reunia tudo que elle procurava em vão nos outros :

« Não sinto que passasse mor perigo  
Para carecer desta liberdade,  
Que desejar viver só lá contigo.

.....  
Assi tinhas de teu o que buscava  
Noutros, que se moveram de interesse,  
Cuja nodoa na vida mal se lava » (1).

Já *vélho e enfêrmo*, dos *humanos agravos esquecido*, ainda fala em *amigos e parentes movidos pelo interêsse*, nos *juízos rasteiros do têrmo*, daqueles que queriam *entortar o direito* por meio de *ardis* a que Deus pusera fecho — o que lhe permitia emfim descansar

« De todo em todo tão desapegado,  
Que não me lembre viva criatura  
Nem queira de nenhuma ser lembrado » (2).

Mas entre as criaturas ingratas que morderam como víboras a *mão do bemfeitor*, sobressai uma :

« Tanto na paixão sua se cegava  
O que mais trabalhou por me lançar  
Que não viu que de muro me cercava. »

E essa devia ser poderosa, como se depreende da pergunta de *Míncio* (Diogo Bernardes) na *Écloga IV* (3) :

« Mas contudo não deixo duvidar  
Que nunca da ribeira te partiste  
Sem algum *bicho grande* te ladrar.

Conta-me, Limabeu, de que fugiste?  
.....

E Limabeu explica :

« Que queres que te conte um magoado  
Da setta, que atirou aquelle braço,  
Do qual elle devera ser guardado?  
.....

(1) Carta I. *Em resposta à de seu irmão Diogo Bernardes. Obras cit.*, pág. 129.

(2) *Elegia da Arrábida. Obras cit.*, pág. 292.

(3) *Obras cit.*, pág. 34.

O que sinto daqui principalmente  
 He ver que me faltou agoa *num rio*  
*Tão claro* (ao parecer) *alto e corrente.*

.....

*Cabras suas guardei*, não me arrependo,  
 Assaz vingado estou; porque bem sei,  
 Quanto com me perder ficam perdendo.

*Aquelle de quem mais me confiei*,  
*Aquelle por quem mais me desvelava*,  
 A coima, que não fiz, fez que paguei.

Bem mal me pareceu, mal suspeitava,  
 Que podesse caber em peito humano  
 Cousa, que nem por sonhos me lembrava.»

Mais adiante intensificam-se as queixas contra o “*defeito do amigo*„ com quem *pastava* (1) e que chegara a *difamá-lo com pastores*. A calúnia foi acreditada, pois partia *do alto*, e a *verdade dos pequenos vale pouco*.

Ora, tratando-se de uma pessoa altamente colocada, por quem se desvelara Agostinho Pimenta, sou levado a crer que se trata do seu amo, e para isso concorre o seguinte passo da *Vida* do arrábido:

«Estando ainda muito nos primeiros annos, seu pae o accomodou em casa do senhor D. Duarte, filho do infante D. Duarte, neto d'ElRei D. Manoel. Como aquelle Principe tinha herdado de seu pae singular gosto das bellas letras, e rara estimação dos bons engenhos, facilmente admittio ao seu serviço hum moço, que já naquelles annos dava claros sinaes do que foi depois. *Erão quasi da mesma idade*; tinham propensão aos mesmos estudos; e talvez até o entrever o mesmo Principe em Agostinho Pimenta hum animo proprio á piedade e devoção, fazia que o distinguisse muito entre todos os seus criados» (2).

O mal veio donde não podia esperar-se, e o golpe feriu tam fundo que, não obstante a intimidade passada, D. Duarte não aparece na obra do poeta como uma excepção entre os homens *piores do que feras* deste mundo *ingrato*.

Conserva-se, sim, a simpatia pelo Duque de Aveiro, freqüentador da casa do Infante, porque êsse mostrou-se amigo na desgraça, e a verdadeira amizade só nas vicissitudes pode ser reconhecida.

(1) *Pastar* aqui significa *conviver* familiarmente, recrear-se.

(2) Pág. 4—Escreve Mendes dos Remédios: «*Um ano mais novo* que Agostinho Pimenta..., o Infante tinha a sua casa independente desde o falecimento do Infante D. Luiz em 1555, à qual andara adicta, por determinação de D. João III». *Obras cit.*, pág. 12.

Fôssem quais fôssem os autores das injustiças de que foi vítima Agostinho Pimenta, a verdade é, repito, que nêles existiam tendências para a vida religiosa, como sustenta o biógrafo e como se conclue da confissão do poeta:

« Confesso que fui sempre afeiçoado  
A solitários bosques do deserto,  
Que ensinam a viver desenganado » (1).

Não se julgava um predestinado, mas Deus, que lia no seu coração, derramou sôbre êle a graça:

« Tempo foi que pastava verde prado  
Bem fóra de cuidar que poderia  
Tornar a ver-me nelle inda algum dia,  
De tantos mil cuidados descuidado.

O Senhor que me trouxe a este estado,  
Quando castigos graves merecia,  
Dando-me muito mais do que pedia,  
Para sempre já mais seja louvado (2)!

Agostinho Pimenta tinha pecados mercedores de *grave castigo*, segundo confessa, mas nêles havia merecimentos também, e, nos intervalos dos prazeres mundanaes, já ia *cantar* louvores a Nossa Senhora da Arrábida:

« Aqui, Senhora minha, onde soía  
Cantar na minha leve mocidade  
O muito que de vossa saudade  
Desejei d'acender nesta alma fria.

Aqui torno outra vez, Virgem Maria,  
Desenganado já, *mais de verdade*,  
Pois me mostrou do mundo a falsidade,  
Que a lagrimas comprei, quem me vendia » (3).

Costumava ir ali de romagem muitas vezes, mas a sua devoção agora é mais verdadeira; apenas lamenta que para a sua mudança fôssem precisos os *conselhos* dos desenganos, quando a Virgem não *quere ser servida senão por puro amor*.

(1) Écloga VII — *Obras cit.*, pág. 54.

(2) Soneto XVIII — *A mudança de vida*. *Obras cit.*, pág. 12.

(3) Soneto V. *A Nossa Senhora da Arrábida*. *Obras cit.*, pág. 4. Mendes dos Remédios não põe vírgula depois do verbo « *comprei* » — o que prejudica o sentido.

A-propósito-das «adversidades» lêmos na *Imitação de Cristo*:

«Bom é que de tempos em tempos nos sucedam cousas adversas; e venham trabalhos, porque costumam trazer o homem a si mesmo...»

Bom é que padeçamos algumas vezes contradições e que os homens pensem mal ou pouco favoravelmente de nós, ainda que observemos bem e tenhamos boa intenção.

Estas cousas de ordinário nos ajudam a ser humildes e nos apartam da vanglória» (1).

Voltam-se os olhos dos homens para as cousas do mundo, mas observa-se no *Ecclesiastes*:

“*Verti me ad alia, et vidi calumnias, quæ sub sole geruntur, et lacrymas innocentium, et neminem consolatorem: nec posse resistere eorum violentiæ, cunctorum auxilio destitutor*..” (2).

A injustiça e a dor são as melhores mestras da vida. Por meio delas se manifesta a graça de Deus:

“*Melius est ire ad domum luctus quam ad domum convivii: in illa enim finis cunctorum admonetur hominum, et vivens cogitat quid futurum sit*..” (3).

¡Quantas vezes os pecadores mostram ressentimento contra Deus ou aparentam descrença por se suporem desamparados!

Deus chama-os uma, duas, três vezes, toca-os repetidamente com a Sua infinita graça, e êles, enfunados pelo ar de uma «ciência vã», esquecidos do preceito do *Ecclesiastes* — “*Noli esse justus multum: nec plus sapias quam necesse est, ne obtupescas*..” — parecem realmente estúpidos, desentendidos.

E os homens que a si próprios se chamam *justos*, aquêles que estão sempre prontos a lançar a primeira pedra e se supõem isentos de pecados só pelo facto de assistirem à missa aos domingos e dias santos, os fariseus enfim, consideram a perda irremediável, condenam sem remissão como se Deus lhes tivesse passado para as mãos a vara da Sua Justiça.

*Quis potest dicere: Mundum est cor meum, purus sum a peccato* (4)?  
*Non est enim homo justus in terra qui faciat bonum, et non peccet* (5).

Deus, porém, penetra no íntimo dos homens, não deixa despercebido o menor movimento; sob a graça, os eleitos vão-se arrastando, de desilusão

(1) Capítulo XII. (Tradução de Roquette).

(2) Cap. IV.

(3) *Ecclesiastes*, cap. VII, 3.

(4) *Liber proverbiorum*, cap. XX, 9.

(5) *Ecclesiastes*, cap. VII, 20.

em desilusão, e, um dia, êsses espíritos, que andavam transviados, sempre com os olhos ansiosamente postos na terra à procura de uma felicidade nunca atingida — *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas* (1) — estacam pensativos, e aí começa uma ascensão para Deus.

Jornada difícil, cheia de espinhos, mas Jesus era a Justiça absoluta, a Pureza por essência, e sofreu e foi crucificado.

Ora Frei Agostinho da Cruz, desiludido do mundo, onde por cada prazer falso e passageiro recebia dores pungentes que êle só havia de esquecer à hora da morte, *olhou-se emfim como desterrado e perseguido sôbre a terra* (2).

Despidas as galas, abandonadas as festas, abatido o orgulho, poderia acolher-se à aldeia e chorar aí, como Sá de Miranda, a morte dos bons costumes antigos, mas nem aí se julgava seguro: procurou refúgio na vida monástica, abafando sob o hábito as paixões mundanas e amortecendo a revolta do corpo sob a acção dos cilícios.

Não bastava ainda: ao mosteiro chegariam os ecos das paixões do mundo.

Frei Agostinho da Cruz quis dar mais um passo para Deus e, assim, acolheu-se ao êrmo da Arrábida, donde, em vez das ondas das paixões terrenas, contemplava, absorto, as do mar imenso, e no qual tôdas as cousas — animais, plantas e rochas — na sua simplicidade, na sua beleza, no papel que a Providência lhes distribuía, estavam constantemente a inspirar hinos em honra do Criador.

(1) *Ecclesiastes*, cap. I, 2.

(2) *Imitação de Cristo*, cap. XVII. Cf. o seguinte passo da *Écloga* II:

MÍNCIO:

« . . . . .  
He verdade o que dizes, mas quem leva  
Limabeu dantre nós, inflamma, accende,  
Que no divino amor todo se enleva?

FLÁVIO:

Inda agora ha pastor que isso duvida?  
Não sabes que o Senhor a todos chama,  
Todos quer para si, todos convida?

Por todos todo seu sangue derrama,  
Pregado numa cruz? mas justamente  
Alcança delle mais quem o mais ama...»

Escreveu Alexandre Herculano, depois de contemplar o conventinho e os tugúrios dos humildes eremitas da Arrábida:

« Religião! do mísero confôrto,  
Abrigo extremo de alma, que há mirrado  
O longo agonizar de uma saúde,  
Da deshonra, do exílio, ou da injustiça,  
Tu consolas aquêle que ouve o verbo,  
Que renovou o corrompido mundo,  
E que mil povos pouco a pouco ouviram » (1).

Mal pensaria ainda o poeta da *Harpa do Crente* que, depois de muitas desilusões acêrca dos sistemas e dos homens, havia de refugiar-se como *solitário* em Vale de Lôbos. . .

Quando isto sucedia no século XIX e quando vemos nos nossos dias tantas criaturas a abandonar o mundo e a abraçar-se à cruz, não devemos estranhar as palavras escritas por Frei Agostinho :

« Que mor consolação, que mor ventura  
(Antes quanto favor de Deus alcança)  
Quem dá na vida à vida sepultura (2)! »

AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA.

---

(1) *A Arrábida*, pág. 59 (1830).

(2) *Á morte de Diogo Bernardes*.

# AFIFE

OU

## A beleza que não morre

(CANÇÕES)

Contemplei a beleza que não morre  
E fiquei triste...

*Anthero de Quental.*

À memória do grande Poeta Alberto de Oliveira

1

**V**ERDE e grácil magnólia do convento  
Que Deus lançou à terra sossegada,  
No fundo vale onde se esconde a estrada  
E o nosso pensamento!...

Ai de quem te cantou e amou primeiro  
Do que ninguém!...  
Sua harpa é como adormecida bela...  
É preciso acordá-la! Ouviste bem?  
É preciso acordá-la para que ela  
Se alongue em ti! Quem foi teu mensageiro  
De vida eterna e te cantou primeiro  
Do que ninguém?  
Magnólia! acorda-o! acorda-o! Canta-o agora  
Crescendo e sendo cada vez mais linda!  
Magnólia! acorda-o! acorda-o! Canta-o agora  
Lembrando a voz de quem se foi embora  
Faz que Êle, o teu Poeta, viva ainda!...

2

Uns olhos se alongaram na floresta  
Das árvores copadas.

Longe de tôdas, tôdas as estradas,  
Uns olhos se perderam na floresta.

Mãos frias na floresta deceparam  
As árvores copadas

E aquelas mãos — carne e alma das enxadas —  
Limitaram mil cânticos de festa.

Os olhos na poeira dos caminhos  
Rolam magoados, nus, rolam sòzinhos,

Emquanto ébria, feliz com a matança,  
No cadáver dos troncos a luz dança.

## 3

Noite de Maio serena...  
Quem não sonha? Tôda a gente  
Sorri, sente  
Docemente  
Que a vida não é só pena.

Noite... Os mais negros vestidos  
Caem por terra e o luar  
Anda nos corpos despídos  
Como nas ondas do mar.

Passam nos olhos absortos  
Ecos de amor, fugitivos...  
Somos os vivos...  
E os mortos.

O vento já não é vento;  
Chamam-lhe os poetas: brisa.  
Mas essa mesmo, indecisa,  
Não é brisa, é pensamento...

## 4

Ó rosas de Cabanas (flor ou fruto?)  
Semeadas ao acaso pelo vento  
Na solidão, na mística, no luto,  
Na paz, no esquecimento!



Nunca pude mirar-vos sem que o lume  
 De mil paixões bem fundas, bem terrenas,  
 Me fizesse sentir que eu era apenas  
 Alma que em frágeis nervos se resume!...  
 Ah! como hei-de esperar um dia a morte  
 Se a tôda a hora, trémulo, vos vejo?  
 Se o vosso aroma venenoso e forte  
 A tôda a hora acorda o meu desejo?  
 Será verdade ó rosas que vos devo  
 Mandar cortar para dormir tranqüilo?

Se eu não posso furtar-me ao vosso enlêvo  
 Meu fechado jardim quem há-de abri-lo?

## 5

No dorso, humano quási, da montanha  
 Desaba e rola em névoa o firmamento...  
 Lúgubre, frio, misterioso e lento,  
 O nevoeiro desce da montanha...  
 Que fôrça a dêle! Aquela névoa estranha  
 Esconde um rosto? Esconde um pensamento?  
 Olhos cegos! Inútil sentimento!  
 Portugal onde está? Não vejo a Espanha...  
 O nevoeiro desce... Sinto-o perto!...  
 Dilue-se em sôpro a voz dentro de mim...  
 E o sol? E a lua? E a treva? Hálito incerto...  
 Onde há princípio agora há logo fim,  
 Venha a dor até nós! Venha a tormenta!  
 Além da mágoa o que recorda a vida?  
 Maré! Maré de bruma! Onda cinzenta!  
 Venha a dor que não deixa a alma esquecida!...

## 6

Da folhagem lentamente  
 Cai a fria gota de água  
 Atirada para a frágua  
 Que não pensa e que não sente.

Passa breve... e, quando creio  
 A nascente ressequida,  
 Logo outra gota em seguida

Continua em meu ouvido  
O cântico interrompido  
Que volta a ficar em meio.

E a folhagem novamente  
Suspende uma gota de água  
Debruçada sôbre a frágua  
Que não pensa  
E que não sente.

A gota bole... (O infinito,  
Incerto, longe, tam lento!,  
Já recua e se condensa  
No fugitivo momento...)

E a gota cai no granito...

## 7

Nasci (sei lá se é verdade!...)  
Nas margens do rio Doiro  
Lá onde a terra que invade  
O mar como ave de agoiro  
É de granito tão duro  
Que nada, nada o desfaz;  
— Nasci sôbre as pedras más  
Que tornam o Pôrto escuro...  
Mas só meu corpo nasceu  
No vélho burgo duriense.  
Quanto ao mais, tudo o que é meu  
Se lhe quer mal lhe pertence...  
.....  
Porque não sou eu do Norte,  
Doutro mar, doutra montanha?  
.....  
Ai! como eu quisera à morte  
Se ela não fôsse tamanha!...

Quinta de Cabanas

1940

PEDRO HOMEM DE MELLO.

# POR TERRAS DE VIEIRA

## I

### O PELOURINHO DE ROSSAS

**R**OSSAS (ou Roças), pitoresca e importante freguesia debruçada sôbre as margens deleitosas do rio Ave que a atravessa de lés-a-lés, hoje subordinada a Vieira-do-Minho, teve outrora jurisdição municipal com sede de concelho no lugar de Celeirô. Foi couto e teve foral que o rei D. Manuel lhe deu a 23 de Outubro de 1514; rezam as crónicas que ali existira antigamente um mosteiro de religiosos beneditinos, que em 1195 foi doado por Frei João Pais ao Arcebispo de Braga e mais tarde passou a ser propriedade dos Abreus de Regalados.

Do seu passado de cabeça de município resta apenas, além da tradição e quaisquer vêlhos documentos, o *pelourinho*, erguido a um canto de Celeirô, em face do edifício onde outrora existira o tribunal e a cadeia... e que hoje serve, infelizmente, para escola.

É constituído este monumento por uma coluna cilíndrica sôbre a qual assenta remate com a forma de pirâmide quadrangular, numa das faces da qual foi esculpido o escudo nacional com as quinas.

A situação do escudo indica, porém, que a posição natural do remate deve ser a posição inversa da que hoje tem, isto é, com a base para cima... a não ser que o escudo tivesse sido lavrado ao invés, o que não é de supor.

Este pelourinho, a ser assim, teria pois uma forma original e curiosa, podendo a posição actual ser atribuída à reconstituição feita, segundo julgo, há alguns anos, tendo talvez sido colocado dêste modo o remate... em virtude da sua melhor estabilidade.

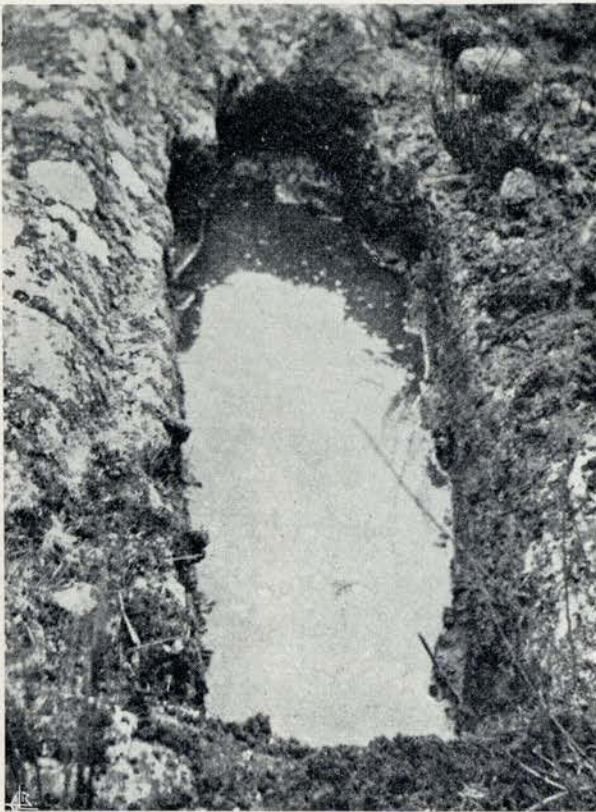


O Pelourinho de Rossas

## II

AS SEPULTURAS ABERTAS  
EM ROCHA DE RUIVÃIS

No alto de S. Cristóvão, um pouco além de Ruivães, quasi à margem da estrada Braga-Chaves, existem restos de três sepulturas antropomórficas escava-



Uma das sepulturas de Ruivães

das no granito, que são vulgarmente conhecidas por túmulos de S. *Cristóvão* e às quais se refere R. P. na *Portugália* <sup>(1)</sup>. Segundo a tradição existiu naquele lugar uma capela ou igreja, à qual são atribuídos uns magros alicerces, amontoados de pedra e fragmentos de telha que ali se observam ainda.

São, como se sabe, vulgares em tôda esta região as sepulturas dêste tipo, cuja cronologia é incerta <sup>(2)</sup> mas presumindo-se que sejam dos primeiros tempos do cristianismo.

A capela de que fala a tradição, e que às vezes é apresentada como antiga igreja paróquial de Ruivães, substituiu talvez qualquer templo mais antigo, romano ou indígena, existente naquela elevação, que do lado Norte mostra ainda indícios quasi

certos de ter sido um *castro*. De-facto podem ver-se dêste lado do monte terraplanagens e seguir-se até em grande extensão... o contôrno das muralhas.

Escavações sumárias efectuadas no local não revelaram porém quaisquer elementos elucidativos. Apenas a meia encosta, já na descida, apareceram bocados de *tegulae*.

Abril de 1940.

CARLOS TEIXEIRA.

(1) *Portugália*, vol. II, pág. 287.

(2) Vid., por ex., Dr. A. de Amorim Girão — *Sepulturas antropomórficas abertas em rocha*. *Homenagem a Martins Sarmiento* — 1933, págs. 122-124.

# NOTAS PARA O ESTUDO DA FLORA FÓSSIL DO CARBÓNICO ALENTEJANO

**S**ALVO algumas poucas formas referidas por B. A. Gomes ou, mais recentemente, descritas por mim próprio, a flora fóssil do carbonífero de Santa Susana é ainda hoje quasi somente conhecida através dum pequeno estudo de W. de Lima, valioso, embora deficiente, publicado em 1895, onde é feita abreviada resenha e sumária descrição de pouco mais de 30 espécies. O estudo florístico do afloramento alentejano está, por isso, em evidente atraso. Pelo contrário, sobre a tectónica e disposição geológica das suas camadas publicou, relativamente há pouco tempo, em 1922, o Engenheiro C. Freire de Andrade um importante estudo.

A presente nota não é mais que primeira e diminuta contribuição para o conhecimento e revisão da flora fóssil deste afloramento.

Serviram de base para este estudo uma série de exemplares provenientes das camadas *Jongeis II, IV e V* de Santa Susana, recentemente oferecidos ao Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Porto pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Engenheiro Henrique de Oliveira, gentileza que merece os melhores agradecimentos.

Eis as espécies encontradas:

## *Annularia stellata* Schloth.

Esta espécie que, ao que parece, é frequente em Santa Susana, é também forma comum em S. Pedro da Cova e no Buçaco. Os exemplares alentejanos observados mostram fôlhas com cerca de 3 cm. de comprimento, as maiores, lanceolado-espatuladas, uninérvias, dispostas em verticilos de contôrno mais ou menos elíptico; o eixo dos ramos é finamente estriado, medindo os entrenós cerca de 3,5 cm. de comprimento (Fig. 1).



Fig. 1 — *Annularia stellata* Schloth  
Minas de Santa Susana. (Tamanho natural).

São, em suma, os caracteres típicos da espécie (1), já assinalada como existente neste afloramento por W. de Lima (2).

### *Calamites Suckowi* Brongn.

A *C. Suckowi*, espécie que aparece nos três afloramentos antracólitos portugueses, é, segundo W. de Lima, extremamente abundante em Santa Susana.



Fig. 2 — *Calamites Suckowi* Brongn.  
Minas de Santa Susana. (2/3 do tamanho natural).

O exemplar representado na Fig. 2, embora comprimido e incompleto, nitidamente patenteia os caracteres mais importantes da espécie (3); caule com mais de 10 cm. de largura, com artículos separados cerca de 3,5 cm. uns dos outros e costilhas pouco salientes, planas, com cerca de 1,7 a 2 mm. de largura, direitas, separadas por sulcos pouco profundos, arredondadas nas extremidades e apresentando fina estriação longitudinal; saliências das extremidades das costilhas redondas e articulações desprovidas de cicatrizes de ramos.

A *C. Suckowi* é espécie sem valor estratigráfico em virtude da sua larga extensão vertical, pois aparece desde o *Westfaliano* ao *Pérmico*.

### *Pecopteris plumosa* Artis (= *P. dentata* Brongn.)

Parece definitivamente assente que o binome *P. plumosa* deve ser preferido ao binome *P. dentata*. Assim o usam Kidston (4), Hirmer (5), etc. Os exemplares alentejanos desta espécie que nos foram enviados são

(1) Cf., por ex., R. Zeiller — *Bass. Houil. de Valenciennes*, págs. 398 e seg., pl. LXI.

(2) W. de Lima — *Est. Carb. Alent., Com. Direc. Trab. Geol. Port.*, tòm. III.

(3) Cf., por ex., R. Zeiller, ob. cit., pág. 333, pl. LIV.

(4) R. Kidston — *Foss. plants of the Carbon. rocks of G. Brit.* — 1924 — Vol. II, part. 5, págs. 383 e seguintes.

(5) M. Hirmer — *Handbuch der Palaobotanik* — págs. 667 e 668.

constituídos por fragmentos de ramos de penúltima ordem; são néles, no entanto, bem típicos e evidentes os caracteres da espécie (Fig. 3).

Impossível verificar nestes exemplares a existência das pontuações do caule, tão peculiares no *P. plumosa*; os ramos de última ordem, contíguos ou sobrepondo-se pelos bordos, apresentam disposição alterna e fazem com o eixo ângulos muito agudos. As pínulas são alternas, oblíquas e ligadas por tôda a base ao ráquis, variando mais ou menos com a região da fronde a que pertencem; são geralmente agudas no cimo, triangulares, de contórno inteiro. A pínula basilar inferior dos ramos é mais curta que as seguintes, mais larga, quási bilobada, e ocupa o ângulo dos dois ráquis; pelo contrário, a pínula basilar superior é mais comprida que tôdas as seguintes, oblonga e arredondada no cimo.

A nervação, em virtude da fossilização imperfeita, é pouco distinta. A nervura média é forte, não decorrente e prolonga-se até ao cimo das pínulas; as nervuras secundárias são pouco numerosas, as da base da pínula bifurcadas, as superiores tôdas simples.

Estão, como se vê, em evidência, pondo de lado as pontuações caulinares que a exigüidade e má fossilização do eixo dos ramos não permite observar, os mais importantes caracteres do *P. plumosa* <sup>(1)</sup>.

W. de Lima apontou a existência desta espécie no carbonífero alentejano, considerando-a forma rara, e dizendo-a existente ao mesmo tempo no Buçaco e em S. Pedro da Cova. No Buçaco aparece, segundo penso, uma forma muito próxima desta — o *P. Bioti*; no Norte nunca encontrei quer uma quer outra.

W. de Lima aceitava como sinónimo do *P. dentata* o *P. penæformis* <sup>(2)</sup>, formas tidas como espécies absolutamente distintas <sup>(3)</sup>.

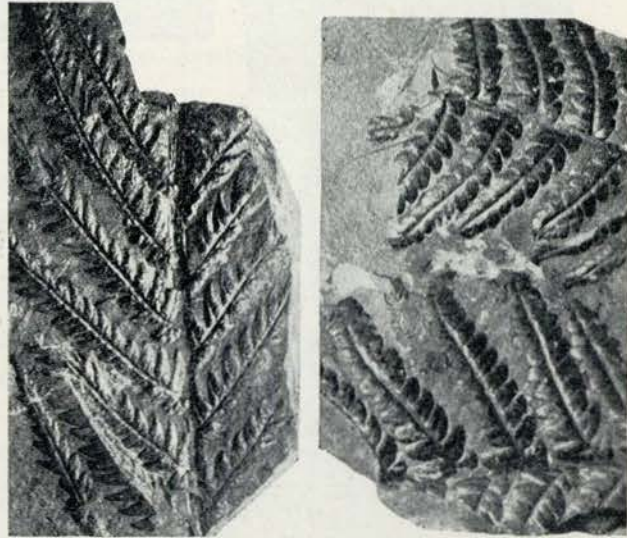


Fig. 3 — *Pecopteris plumosa* Artis  
Minas de Santa Susana. (Tamanho natural).

(1) Vid., por ex., R. Zeiller, cit.  
R. Kidston, cit.

(2) Cf. W. de Lima, ob. cit., pág. 37.

(3) Vid., por ex., R. Zeiller — *Bas. Houil. de Valenciennes*, pág. 210.

### *Pecopteris* cf. *Daubreei* Zeiller

Parece não poder haver dúvidas em identificar com esta espécie o exemplar que vai representado na Fig. 4.

Os caracteres do ráquis, a forma dos ramos e das pínulas, a nervação

destas são, de-facto, os mesmos do *P. Daubreei* (1).

Com efeito, o exemplar alentejano mostra eixo largo, marcado de pontuações, provido de ramos contíguos, de contornos paralelos em grande extensão; as pínulas são pequenas, com cerca de 0,6 cm. de comprimento e 2 ou 2,5 mm. de largura, contíguas, de bordos paralelos, arredondadas no cimo, ligeiramente unidas umas às outras na base, com nervura média decorrente e atingindo o cimo da pínula e nervuras secundárias pouco aparentes, oblíquas à nervura média e bifurcadas uma ou duas vezes como indica o esquema da Fig. 4 (1<sup>a</sup>).

Deve pertencer também ao *P. Daubreei* o exemplar da Fig. 4, 2, que representa um fragmento de ramos com pínulas férteis (2).

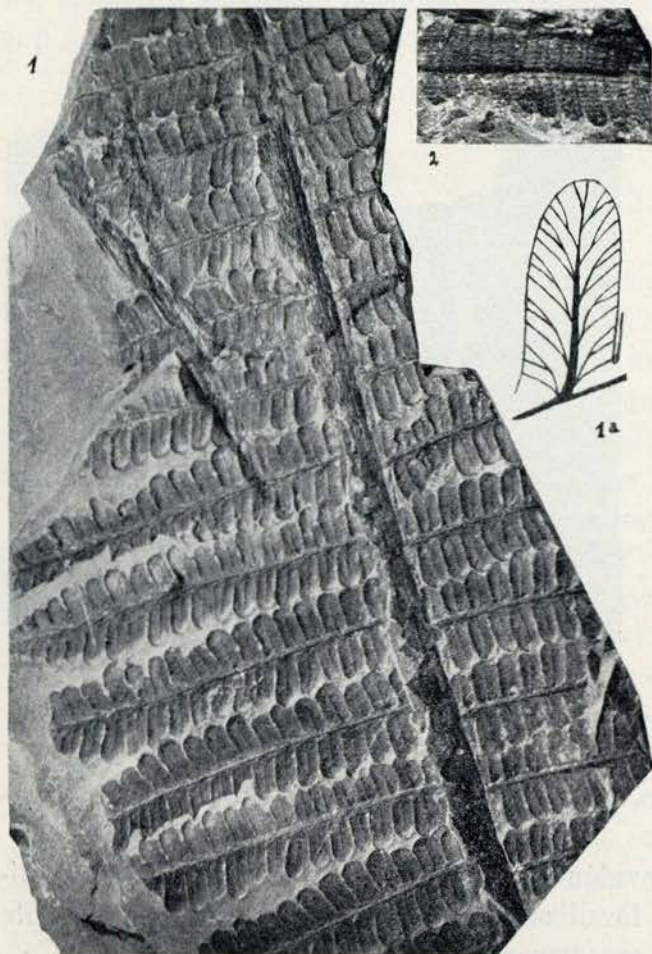


Fig. 4 — *Pecopteris* cf. *Daubreei* Zeiller  
Minas de Santa Susana. (Tamanho natural).

### *Neuropteris* sp.

Dêste género há na colecção enviada apenas uma porção de ramo com três pínulas, cujo carácter mais importante é a assimetria que apresentam:

(1) Vid. R. Kidston, ob. cit., pág. 528.

R. Zeiller, *Fl. foss. ter. houil. de Commentry*.

» *Bas. houil. et permien de Brive*.

(2) Cf. R. Kidston, ob. cit., pl. CXXV, fig. 1.

R. Zeiller, *Bas. houil. et permien de Brive*, pl. IV, figs. 2 e 3.



emquanto as duas do lado esquerdo são compridas e alongadas, a da direita é arredondada e quasi circular (Fig. 5, b).

A nervura média é pouco aparente e as nervuras secundárias são numerosas, direitas, ramificadas e muito oblíquas aos bordos da fôlha.



Fig. 5— a = *Linopteris* cf. *sub-Brongniarti* G., Eury  
 b = *Neuropteris* sp.<sup>2</sup>

Minas de Santa Susana,  
(Tamanho natural).

### *Linopteris* cf. *sub-Brongniarti* Grand, Eury (= *L. obliqua* Bunbury)

Dêste género apareceu sòmente uma pínula, cujos caracteres parecem indicar o *L. sub-Brongniarti* (1). É uma pequena fôlha com cêrca de 1,7 cm. de comprimento e 0,9 cm. de largura, de bordos paralelos, arredondada no cimo, um pouco encurvada em fouce, com nervuras secundárias em arco e quasi normais ao bordo do limbo, formando rêde de malhas apertadas (Fig. 5, a).

W. de Lima (2) cita como existente no Carbónico alentejano o *L. Münsteri*, espécie facilmente distinta desta pela forma das pínulas e especialmente pela nervação, que é laxa e de malhas muito largas.

### *Sigillaria* e *Lepidodendron*

Entre os numerosos exemplares de *Sigillaria* enviados, nenhum há que permita classificação específica rigorosa, pois ou estão imperfeitamente fossilizados ou representam caules descascados. Todos êles pertencem, porém, ao tipo das *Sigillarias* caneladas, devendo estar representadas várias espécies destas (Fig. 6). Êste tipo de plantas teve, por certo, em

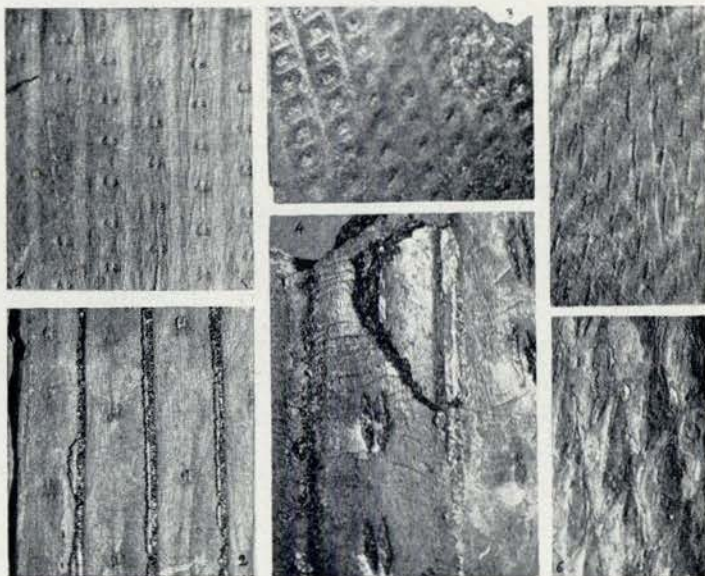


Fig. 6— 1-2-3-4— *Sigillaria*. 5-6— *Lepidodendron* (?)  
Minas de Santa Susana. (1/2 do tamanho natural).

(1) Cf. R. Zeiller, *Bas. Houil. de Valenciennes*, pág. 290.

(2) *Ob. cit.*, pág. 46.

Santa Susana, um desenvolvimento extraordinariamente grande, pois os seus fósseis são dos mais vulgares.

Ao género *Lepidodendron* pertencem talvez dois ou três exemplares, mal fossilizados e pouco característicos. Observei, também, uma impressão de *Lepidophyllum* (*Lepidostrobophyllum*) aff. *lanceolatum*.

Deve poder atribuir-se ainda a qualquer destas *Lycopiales* um grande exemplar proveniente do mesmo local de *Stigmaria ficoides*, onde são bem nítidas as cicatrizes circulares características dêste género de raízes.

## CONCLUSÕES

Das espécies citadas tinham já sido apontadas como existentes neste afloramento *A. stellata*, *C. Suckowi*, *P. dentata*, *Sigillaria*, aparecendo, pela primeira vez, *L. cf. sub-Brongniarti* e *P. cf. Daubreei*, deixando de lado o *Neuropteris*, cuja determinação específica é impossível por agora.

As duas primeiras destas espécies têm uma larga extensão vertical, aparecendo desde o *Westfaliano* ao *Pérmico*. O *P. plumosa-dentata* é espécie vulgar no *Westfaliano*, aparecendo ainda no *Estefaniano* inferior (1). O *L. sub-Brongniarti* é forma peculiar e característica do *Westfaliano* superior (Norte da França) (2). O *P. Daubreei* (3) é espécie freqüente do «Radstock group» (*Westfaliano D* e *Estefaniano* inferior) (4) do carbonífero de Inglaterra e aparece também no *Estefaniano* de Brive e Commentry.

Finalmente é sabido que as *Sigillarias* caneladas são características do *Westfaliano* e do *Estefaniano* inferior.

W. de Lima considerou o carbónico alentejano como pertencendo a «uma zona de passagem do *Westfalense* superior para o *Estefanense*» (5). Pelo estudo das espécies atrás citadas pouco se pode concluir, no entanto, as indicações que esta flora nos dá não estão, como se vê, em desacôrdo com a conclusão a que chegou o ilustre geólogo.

Pôrto, Abril de 1940.

CARLOS TEIXEIRA  
Bolsheiro do I. A. C.

- 
- (1) Vid., por ex., P. Bertrand, *Congrès Stratig. Carbon.* Heerlen, 1935, pág. 74. Hirmer, ob. cit.  
 (2) Vid., por ex., P. Bertrand, *Conférences de Paléobotanique*, pág. 74.  
 (3) Kidston, ob. cit.  
 (4) E. Dix, *Congrès Stratig. Carbon.* Heerlen, 1935, págs. 163 e 179.  
 (5) Ob. cit., pág. 51.

# MARQUES ABREU

OFICINAS DE FOTOGRAVURA



Avenida Rodrigues de Freitas, 310

PÔRTO

CASA FUNDADA EM 1900



Pela magnífica instalação destas oficinas, pelo moderno e aperfeiçoadíssimo material adquirido e ainda pela larga escala em que se trabalha, são as que melhor podem servir o público com

RAPIDEZ,

PERFEIÇÃO

E ECONOMIA



AUGUSTO

GOMES

Preço 5 escudos